

LINDA L. DAVIDOFF

TERCEIRA EDIÇÃO

# INTRODUÇÃO À PSICOLOGIA

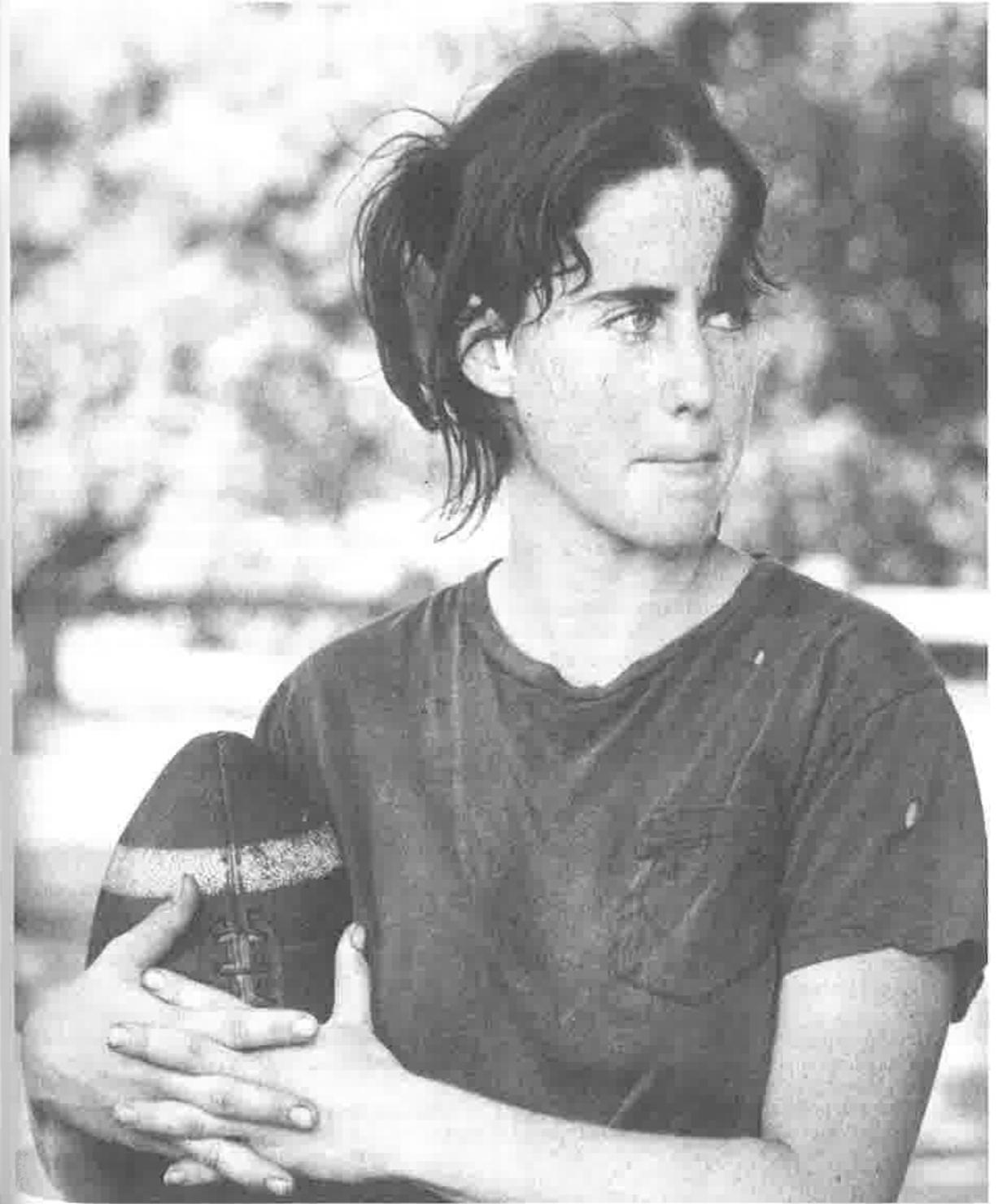
*Tradução*  
**Lenke Peres**

*Revisão Técnica*  
**José Fernando Bittencourt Lômaco**  
Professor doutor pela Universidade de São Paulo (USP).  
Professor associado (livre-docente) do Departamento de Psicologia  
da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade do Instituto  
de Psicologia da Universidade de São Paulo.



São Paulo

Brasil Argentina Colômbia Costa Rica Chile Espanha  
Guatemala México Peru Porto Rico Venezuela



# Personalidade: Teorias e Testes

## SUMÁRIO

Escopo da Psicologia da Personalidade  
Origens das Teorias da Personalidade

### TEORIAS PSICODINÂMICAS

A Teoria Psicanalítica de Sigmund Freud  
Outras Teorias Psicodinâmicas  
Mensuração da Personalidade: Partindo da  
Perspectiva Psicodinâmica  
Quadro 12.1: O Caso do Pequeno Hans  
Teorias Psicodinâmicas: Comentários Críticos

### TEORIAS FENOMENOLÓGICAS

Teoria do *Self*, de Carl Rogers  
Mensuração da Personalidade: Partindo da  
Perspectiva Fenomenológica  
Teorias Fenomenológicas: Comentários Críticos

### TEORIAS DISPOSICIONAIS

Traços  
Teoria e Medida do Traço: Enfoque em Raymond  
Cattell  
Tipos  
Teoria de Tipos e Mensuração: Enfoque em William  
Sheldon  
Testes Objetivos: A Abordagem Disposicional para  
Medir a Personalidade  
Quadro 12.2: Testes Objetivos e Computadorizados  
Traços Existem?  
Teorias Disposicionais: Comentários Críticos

### TEORIAS BEHAVIORISTAS

O Behaviorismo Radical de B. F. Skinner  
A Abordagem da Aprendizagem Cognitivo-social de  
Albert Bandura  
Mensuração da Personalidade: Partindo da  
Perspectiva Behaviorista  
Teorias Behavioristas: Comentários Críticos

UMA ÚNICA TEORIA ABRANGENTE DA  
PERSONALIDADE?

RESUMO

GUIA DE ESTUDO

## FICÇÃO? OU FATO?

- 1 Freud acreditava que o impulso para o sexo genital determina tudo o que as pessoas fazem. Verdadeiro ou falso?
- 2 Os seres humanos raramente se compreendem, de acordo com Freud. Verdadeiro ou falso?
- 3 A personalidade adulta é essencialmente formada por volta dos 5 anos, segundo Freud. Verdadeiro ou falso?
- 4 Testes com manchas de tinta são os mais usados de todos os instrumentos de avaliação da personalidade. Verdadeiro ou falso?
- 5 Os psicólogos às vezes classificam as pessoas por tipos de personalidade, como introvertido e extrovertido. Verdadeiro ou falso?
- 6 Os testes de personalidade sempre serão limitados por sua incapacidade de fornecer informações sobre se as pessoas estariam sendo falsas ou confusas. Verdadeiro ou falso?
- 7 Embora as pessoas tendam a pensar em si mesmas como sendo consistentemente desta ou daquela forma, os psicólogos encontram poucas evidências de que os indivíduos comportam-se de uma forma previsível. Verdadeiro ou falso?

Estudantes universitários, gerentes e supervisores têm participado de algumas demonstrações reveladoras. Fazem um teste de personalidade simulado ou submetem-se a uma leitura astrológica ou à análise grafológica. Mais tarde, cada participante recebe o que parece ser uma interpretação individual. Na realidade, os esboços de personalidade, os quais são preparados, usam afirmações idênticas como estas (Stagner, 1958, p. 348):

- Você tem a tendência de ser crítico consigo mesmo.
- Embora externamente aparente ser disciplinado e autocontrolado, você tende a ser preocupado e inseguro internamente.
- Você orgulha-se de você mesmo por ter idéias próprias e por não aceitar o que os outros dizem sem prova satisfatória.
- Algumas de suas aspirações tendem a ser muito irreais.

Quando são perguntados sobre a exatidão das descrições, a maioria dos participantes vê os comentários como pertinentes (C. R. Snyder, 1974; Ulrich *et al.*, 1963). Como os *insights* de adivinhos e astrólogos, essas afirmações gerais dependem do conhecimento de atitudes, esperanças, medos e experiências humanas comuns. As pessoas têm muitas semelhanças, mas aparentemente não percebem isso.

Os psicólogos que estudam a personalidade estão interessados tanto nos atributos que caracterizam todas as pessoas quanto nas diferenças individuais, aquelas constelações de qualidades que tornam cada pessoa única. Começaremos este capítulo com um relatório sobre as características exclusivas de personalidade de um estudante universitário (Sarason, 1972, pp. 224-226).

#### A PERSONALIDADE DE I. S.

[I. S.] é um rapaz de 19 anos, grande, um pouco acima do peso, estudante do segundo ano da faculdade. [Sua] aparência geral transmite um ar de indiferença estudada para com a aparência física. Tem cabelos compridos, sempre um pouco despendeados e meio sujos. Suas roupas, embora limpas, são usadas com muito desleixo e em combinações não usuais.

[I. S.] fala de uma forma que pretende impressionar os outros com seu vocabulário extenso e sua capacidade intelectual. Tenta parecer acima de tudo o que é mundano e comum e, em geral, reflete um desejo de ser classificado como um intelectual rebelde. É muito condescendente [...] [e] intelectualmente brilhante.

[Durante uma entrevista, I. S. descreveu-se]:

"Acho que meu temperamento geral é de aquiescência. Não gosto de discussões.

Particularmente, não ligo para muitas pessoas. Acho que grande parte de meu tempo é gasto com outras pessoas. Acho que outras pessoas não merecem minha consideração. Raramente fico chateado quando os outros fazem coisas que não condizem com minhas opiniões [...]. Não gosto muito de crianças ou do conceito-padrão sobre o que as pessoas devem gostar. Desprezo as meninas, entre outras coisas [...]. Toda menina com quem me liguei trouxe-me problemas, de uma forma ou de outra [...].

Acho que tenho talentos medianos. Não sou extremamente dotado. Acho que, nas coisas de que realmente gosto, tenho grande capacidade de me tornar bom. Meu temperamento é mais para o campo das artes do que de ciências [...].

Se você me perguntasse o que realmente sou, como as pessoas me vêem ou como sinto que me vêem, diria que provavelmente não sou querido entre meus conhecidos, porque sou intolerante a muitas coisas que eles expressam [...].

Quanto a meus sentimentos com relação à escola [...]. Acho que estou perdendo muito tempo lá porque sou preguiçoso, extremamente preguiçoso [...]. Acho que há muita ignorância que preciso superar para conseguir o que quero. Não vou dizer que sou desumano [...]. Eu diria que luto pelas coisas que quero, se as quero muito, mas levo em consideração os sentimentos dos outros, porque, se não levarmos, eles se voltam contra nós e sempre vão nos pegar, no final; portanto, é prudente estar atento aos outros.

Por *personalidade*, os psicólogos contemporâneos querem referir-se àqueles padrões relativamente consistentes e duradouros de percepção, pensamento, sentimento e comportamento que dão às pessoas identidade distinta. A personalidade é um "constructo sumário", que inclui pensamentos, motivos, emoções, interesses, atitudes, capacidades e outros. Antes de seguir a leitura, tente descrever a personalidade de I. S. Faça algumas anotações, de modo que você possa se referir à sua descrição mais tarde.

#### Escopo da Psicologia da Personalidade

Uma vez que a personalidade é um constructo sumário, a área chamada *psicologia da personalidade* abrange um amplo território. É tão ampla, de fato, que quase todos os tópicos discutidos até aqui e tratados nos futuros capítulos apóiam-se na compreensão da natureza, origem, evolução ou na mu-

dança da personalidade. Os psicólogos da personalidade, como outros, especializam-se. Alguns são predominantemente pesquisadores que desejam descrever e explicar certo aspecto da personalidade: talvez a ansiedade, a agressão, a necessidade de realização ou o senso de controle. Outros se envolvem principalmente na construção e avaliação de instrumentos de avaliação da personalidade (chamados testes de personalidade). Ainda outros se dedicam ao estudo de teorias da personalidade, tentando entendê-las, ensiná-las ou elaborar novas teorias. Os psicólogos da personalidade, em sua vasta maioria, são clínicos. Usam a teoria da personalidade, pesquisa e instrumentos de avaliação para ajudar as pessoas a ter uma compreensão de si mesmas e a resolver problemas.

Neste capítulo, examinamos a teoria da personalidade e sua mensuração. Trataremos do que poderia ser descrito como problemas da personalidade e tratamento para problemas de personalidade nos Capítulos 13 e 14.

#### Origens das Teorias da Personalidade

As teorias desempenham um papel proeminente na psicologia da personalidade. Muitas surgiram em ambientes clínicos, de esforços para entender e tratar pessoas com problemas psicológicos. Essas teorias baseadas em clínica dependem de *insights* adquiridos em entrevistas extensas com relativamente poucas pessoas. Em alguns casos, os terapeutas e pacientes encontraram-se quase diariamente, durante anos. As teorias baseadas em clínica tendem a gerar hipóteses gerais amplas, as quais são avaliadas informalmente. Enquanto ajudam os pacientes a superar problemas e fazer ajustamentos, os clínicos reúnem evidências para suas hipóteses.

As teorias da personalidade também vêm de observações e experimentos controlados em laboratórios. As *teorias baseadas em laboratório* enfatizam a elaboração de medidas precisas e o uso de análises estatísticas. Geralmente, são apoiadas por estudos breves do comportamento de um número comparativamente grande de pessoas normais (frequentemente estudantes universitários). Animais irracionais podem até ser usados em alguns estudos de laboratório da personalidade. Embora isso possa soar inacreditável à primeira vista, combina com o enfoque em aspectos limitados da personalidade. Se al-

guém está investigando as bases genéticas da ansiedade, por exemplo, é legítimo estudar ratos ou cães.

#### TEORIAS PSICODINÂMICAS

Nossa discussão sobre as teorias psicodinâmicas examina as idéias de Sigmund Freud, Carl Jung, Alfred Adler, Karen Horney, Harry Stack Sullivan, Erik Erikson e Heinz Hartmann. Trataremos primeiro de Freud, um gigante na teoria da personalidade. Muito da teorização subsequente tem sido, essencialmente, uma tentativa de modificar, ampliar, esclarecer, refinar ou refutar suas idéias. Além disso, os escritos de Freud influenciaram imensamente a formação do clima intelectual do século XX.

As *teorias psicodinâmicas* da personalidade enfatizam a importância dos motivos, das emoções e de outras forças internas. Supõem que a personalidade desenvolva-se à medida que os conflitos psicológicos são resolvidos, geralmente durante a infância. As evidências para essas formulações vêm principalmente de entrevistas clínicas.

#### A Teoria Psicanalítica de Sigmund Freud

Enquanto Sigmund Freud (1856-1939) (veja a Figura 12.1) tratava de seus pacientes neuróticos, buscava *insights* sobre a personalidade humana. Ele também se baseava na auto-observação e em teorias biológicas de sua época (Sulloway, 1979). Gradativamente, elaborou uma teoria, que chamou de psicanálise. Explicou a personalidade normal e anormal e descreveu como tratar de pessoas psicologicamente perturbadas. Durante toda a vida, Freud confrontou suas idéias com novas observações clínicas e revisou suas opiniões de acordo com elas. Você pode ler sobre a vida de Freud no Capítulo 1. Aqui, trataremos das idéias mais fundamentais de Freud.

#### O Inconsciente

Freud acreditava que as pessoas são *conscientes* de apenas uma pequena parte de sua vida mental. Alguns conteúdos são *pré-conscientes*, enterrados logo abaixo da consciência, de onde são facilmente recuperados. A vasta maioria do conteúdo é *inconsciente*. Entre os conteúdos do inconsciente estão as pulsões, os componentes de personalidade, memórias de experiências iniciais e conflitos psicológicos intensos. Embora não tenhamos consciência direta dos conteúdos do inconsciente, eles entram na consciência



**FIGURA 12.1** Sigmund Freud, fundador da psicanálise. As idéias de Freud foram controversas em sua época. Ele foi criticado por considerar o sexo a principal força do comportamento humano e por insistir que tal impulso aparece já durante a infância, bem como por atribuir os pontos essenciais do desenvolvimento da personalidade à infância. (Bettmann Archive.)

disfarçados — em sonhos, nos lapsos de língua e outros enganos e acidentes.

Somente um especialista pode entender o inconsciente de alguém, Freud acreditava. A autoridade e o paciente têm de formar um relacionamento de confiança. Então, durante sessões freqüentes, o paciente precisa fazer *associações livres*, conversar sobre tudo o que lhe vem à cabeça. Nada deve ser omitido. O especialista analisa o resultado em um longo período, procurando pistas para a natureza do conteúdo inconsciente. O Capítulo 14 trata desses procedimentos.

**Instintos e libido** Embora Freud não fizesse uma lista de instintos (pulsões, em nossa terminologia; veja a p. 325), acreditava que todos eles se enquadravam em duas categorias: instintos de vida e de morte.

Os *instintos de vida*, como sexo, fome e sede, ajudam as pessoas a sobreviver e a se reproduzir. Como provavelmente você sabe, Freud dedicou

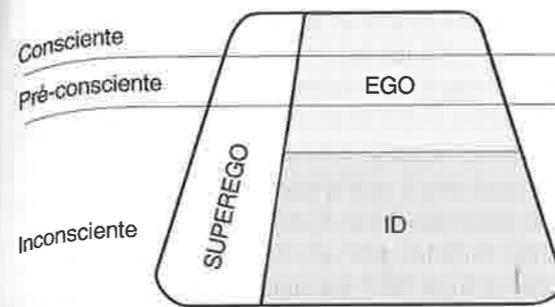
mais atenção ao sexo que a qualquer outro instinto. Entretanto, a expressão "instinto sexual" é ampla e abrange inúmeras pulsões corporais prazerosas, incluindo a sucção e a defecação. Freud supunha que essas pulsões "sexuais" diferentes funcionavam independentemente uma da outra durante a infância, mas eram fundidas na puberdade, para servir ao objetivo da reprodução.

Os instintos de vida desempenham seu trabalho gerando energia, chamada *libido*. Esta é semelhante à energia física, mas supre a energia necessária para o pensamento e o comportamento. Se os instintos de vida não forem satisfeitos, a libido (diferentemente da energia física) pode se acumular e gerar pressão, assim como a água bombeada para uma pipa com uma válvula fechada. Para as pessoas funcionarem normalmente, a pressão precisa ser reduzida. Do contrário, a libido finalmente explode, resultando em comportamento anormal.

Freud pensava que muitas atividades são expressões de instintos sexuais *sublimados*, canalizados para ocupações construtivas. Um cientista tentando descobrir como a natureza funciona, por exemplo, realmente tem curiosidade por sexo, mas está dirigindo essa curiosidade inconscientemente para uma saída mais aceitável do ponto de vista social. O motivo, em outras palavras, é *dessexualizado* e não mais reconhecível.

Próximo ao fim da vida, Freud descreveu um segundo importante sistema de motivação. Este, que era responsável pela morte e destruição (de si mesmo e dos outros), foi chamado *instinto de morte ou destrutivo*, ou *thanatos*. Freud supunha que as pessoas têm um desejo inconsciente de morrer. Também sugeria que os seres humanos são agressivos porque esse desejo de morte é bloqueado pelos instintos de vida e outras forças dentro da personalidade. Segundo ele, a agressão é autodestruição voltada para fora, contra um substituto. Freud não nominou a energia que os instintos de morte usam na realização de seu trabalho.

**Modelo da mente** Freud passou a acreditar que a mente humana enfrenta continuamente três conjuntos de demandas conflitivas: as que partem do corpo, da realidade externa e das restrições morais. Um componente distintivo da personalidade (*id*, *ego*, *superego*) lida com cada domínio. Os componentes da personalidade estão competindo continuamente entre si pela energia disponível dos



**FIGURA 12.2** Níveis de consciência do *id*, *ego* e *superego*. (Adaptada de Liebert, R. M. & Spiegler, M. D. (1978), *Personality*, 3ª ed., Homewood, IL: Dorsey, p. 94.)

instintos de vida e morte. A Figura 12.2 mostra como o modelo freudiano da mente encaixa-se em suas idéias sobre a consciência.

**Id** O *id*, a casa dos instintos, reside no âmago primitivo da personalidade. Freud (1933, p. 104) descreveu-o como "um caos, um caldeirão de excitação insaciável". Uma vez que o *id* não tem organização lógica, impulsos contraditórios existem aqui, lado a lado. O *id* opera de acordo com o *princípio do prazer*. Como uma criança mimada, pressiona continuamente para a realização imediata de seus impulsos. Seu mote parece ser: "Quero o que quero quando quero".

Para reduzir a tensão, o *id* usa o *processo primário de pensamento*. Forma a imagem de um objeto desejado, previamente associado com a satisfação de um impulso. Por exemplo, quando você está com fome, pode visualizar um bife frito ou um *sundae* com calda quente e achar que a imagem parece boa ou satisfaz a necessidade momentaneamente. Freud considerava o processo primário de pensamento um tipo infantil de atividade mental que não pode distinguir entre imagens e realidade. Sonhar durante o sono e ter alucinações (experiências sensoriais sem base em fatos) são exemplos mais claros do processo primário de pensamento. Ambos podem ser considerados desejos em forma de imagem que não podem ser separados do que é real pela pessoa que tem esses desejos. Em sonhos, os desejos do *id* são disfarçados e distorcidos, uma vez que são inaceitáveis a outras partes da personalidade.

**Ego** O *ego* emerge nas crianças em desenvolvimento, à medida que elas aprendem que há uma realidade distinta das próprias necessidades e desejos. Tendo sido parte do *id*, o *ego* evolui para lidar com

o mundo. Uma das tarefas principais do *ego* é localizar objetos para satisfazer as necessidades do *id*. O *ego*, então, precisa lidar com as demandas tanto do *id* quanto do ambiente circundante.

Ao contrário do *id*, o *ego* é controlado e lógico. Em vez de ser impulsionado pelo princípio do prazer, opera de acordo com o *princípio da realidade*. Ou seja, embora esteja comprometido em gratificar as necessidades do *id*, está ciente das circunstâncias. Aguarda seu momento, esperando até que as situações apropriadas cheguem ou buscando-as.

O *ego* usa o *processo secundário de pensamento*, estratégias de solução de problemas. Pense no processo secundário de pensamento como crítico, organizado, sintetizador, racional e realista. Por exemplo, quando você está com fome, o *ego* pode decidir que você deveria esquentar uma sopa ou comprar um hambúrguer.

**Superego** À medida que as crianças identificam-se com os pais e internalizam valores e padrões, o *superego* separa-se do *ego*. Pense no *superego* como uma consciência. Embora tenha feito parte do *ego*, o *superego* funciona independentemente, lutando pela perfeição e admirando o idealismo, o auto-sacrifício e o heroísmo. O *superego* influencia o *ego* para atender aos objetivos morais e forçar o *id* a inibir seus impulsos animais. Quando o *ego* comporta-se moralmente, o *superego* é satisfeito. Quando as ações ou os pensamentos do *ego* vão contra os princípios morais, o *superego* gera sentimentos de culpa.

**O dilema do ego** O *ego* ocupa uma posição pivô como mediador, tentando executar acordos. Nas palavras de Freud (1933, p. 108), "O pobre *ego* [...] precisa servir a três senhores exigentes (*id*, *superego*, realidade) e tem de fazer seu melhor para conciliar as demandas dos três". Quanto mais intensos forem os conflitos, mais energia psicológica é exigida para resolvê-los. Menos energia sobra, então, para viver.

O *ego* reconhece o perigo de expressar os impulsos primitivos do *id*. Conseqüentemente, torna-se ansioso quando pressionado pelo *id*, uma vez que teme o perigo, o embaraço ou a punição. O *ego* evita a ansiedade, efetuando acordos como os seguintes:

**I** Os *sonhos* (veja o Capítulo 4) representam os desejos do *id* em uma forma disfarçada e distorcida, para evitar a censura do *superego*.

2 Os mecanismos de defesa (veja o Capítulo 9) são estratégias de enfrentamento usadas pelo ego, para lidar com a ansiedade e resolver conflitos entre o superego e o id. Pelo deslocamento, por exemplo, os homens casam-se com mulheres que lembram a respectiva mãe (embora o id preferisse casar-se com a própria mãe). O deslocamento consegue atingir algo aceitável tanto para o id quanto para o superego. Usando a repressão, as pessoas banem da consciência os impulsos perturbadores do id. Pela sublimação, a energia do id é canalizada para ocupações socialmente valiosas que são aceitáveis tanto para o ego quanto para o superego.

3 Os sintomas do comportamento anormal (veja o Capítulo 13) representam o uso exagerado de mecanismos de defesa. Esses sintomas aparecem quando estresses atuais revivem o que Freud chamou de idéias e lembranças patogênicas, aquelas relacionadas com conflitos e impulsos proibidos. Em geral, esses conflitos são "sexuais" por natureza e remontam precocemente à infância, quando a perda do amor parental e a punição foram sentidas como questões catastróficas, de vida ou morte. As idéias e lembranças patogênicas foram reprimidas (afastadas da consciência), sem ser resolvidas. Uma vez que os problemas permanecem inconscientes, não podem ser explorados nem resolvidos. No entanto, as pessoas estão vagamente conscientes da dificuldade e sentem-se frustradas. Se a ansiedade é severa e o ego é fraco e incapaz de divisar uma solução satisfatória, usa excessivamente mecanismos de defesa, mas sem efetividade (um acordo que não funciona). As lutas internas geram ansiedade e depressão; as estratégias defensivas interferem no funcionamento e resta pouca energia para as tarefas do viver.

Freud sentiu que a natureza dos sintomas anormais é determinada pela natureza das lembranças emocionalmente carregadas. Com frequência, o conflito é representado simbolicamente na forma concreta. Uma paciente que desenvolveu o sintoma de torcer as mãos havia tido três experiências desagradáveis com as mãos. Foi bastante atemorizada enquanto tocava piano; os pais punham uma faixa nas mãos dela para discipliná-la; e foi forçada a massagear as costas de um tio que ela detestava. Alguns sintomas surgem quando as pessoas regressam, voltam a formas de comportamento características de períodos anteriores da vida.

4 O amor é o acordo ideal. No amor, o sexo e outras necessidades básicas estão satisfeitos por um relacionamento que agrada o id, o ego e o superego. O amor é aceitável para a consciência, ocorre dentro da realidade e serve aos instintos animais.

Freud sentia que o melhor que qualquer ser humano pode esperar é o acordo entre facções conflitantes, forçadas por um ego forte, vigoroso. Este acordo é mais fácil em uma cultura que valoriza o amor e a sublimação por meio do trabalho.

#### Desenvolvimento da Personalidade

Freud acreditava que a personalidade é moldada pelas primeiras experiências, quando as crianças passam por um conjunto seqüencial de fases psicosssexuais. O termo "psicosssexual" deriva da idéia de que a libido, que é claramente uma energia sexual, é localizada em regiões corporais diferentes, conforme o desenvolvimento psicológico progride. Antes de entrar em particularidades da teoria de Freud, vamos examinar um esboço geral. Três áreas corporais, que Freud chamou de zonas erógenas — boca, ânus e genitais —, respondem intensamente à estimulação de prazer. Em cada fase de desenvolvimento, uma zona é especificamente influente. As pessoas derivam o prazer predominantemente daquela zona e buscam objetos ou atividades correspondentes. Ao mesmo tempo, surgem conflitos. Se as crianças são mimadas ou carentes e frustradas indevidamente em qualquer estágio, então não podem resolver conflitos. Conseqüentemente, seu desenvolvimento é detido e a libido é fixada naquele estágio.

A fixação refere-se a deixar uma parte da libido permanentemente investida em um nível de desenvolvimento específico. Quando a fixação ocorre, o comportamento posterior é caracterizado por modos de obter satisfação ou reduzir tensão, ou por outros traços ou atitudes típicos do estágio em que a fixação ocorreu. Freud acreditava que alguma libido fosse fixada inevitavelmente em cada fase. Com as pequenas fixações usuais, as migrações para comportamentos posteriores são menores. Com o excesso de frustração ou indulgência, fixações bastante substanciais podem ocorrer e a personalidade pode ser dominada por padrões das primeiras fases.

De acordo com Freud, as crianças passam por quatro fases psicosssexuais — oral, anal, fálica e genital —, além de um período de latência.

**Fase oral** Durante o primeiro ano de vida, os bebês derivam o prazer basicamente da boca. A libido centra-se nos prazeres orais: comer, sugar, morder, levar objetos à boca, balbuciar e outros. O desmame é o principal conflito da fase oral. Quanto mais difícil for deixar o seio ou a mamadeira e seus prazeres para os bebês (em virtude da gratificação ou privação exagerada), mais a libido será fixada nesse período. Se uma parte substancial é fixada, as crianças podem sugar o polegar, comer demais ou roer as unhas. Quando adultos, continuam a exibir traços e preocupações orais. Podem ser dependentes, passivas ou gulosas. Podem gostar de mascar goma, fumar, comer, palitar os dentes, beber ou conversar excessivamente.

**Fase anal** Durante o segundo e terceiro anos de vida, o prazer é obtido basicamente da região anal. A criança gosta de urinar e defecar e da formação e alívio da tensão que acompanha a excreção. A liberação, em especial, evoca repugnância e raiva por parte de quem cuida da criança, que exige que esta tenha autocontrole e saiba esperar. À medida que elas começam o treino de toailete, o conflito central da fase anal desenvolve-se. Uma vez que os prazeres são bloqueados pelas regras de restrição da sociedade, as crianças sentem raiva e impulsos agressivos. Na luta com os pais, podem ser alvo de humilhação, vergonha, repugnância ou desprezo. Algumas crianças tentam "contra-atacar", fazendo movimentos intestinais em momentos inoportunos — depois de serem retiradas da toailete, por exemplo. Outras crianças retêm fezes deliberadamente para manipular os pais, que se sentem preocupados com a irregularidade. Essa tática fornece leve pressão contra as paredes intestinais, o que pode ser considerado agradável.

Se o treinamento de toailete for rígido ou permissivo demais, uma parte significativa da libido será fixada na fase anal e a pessoa mostrará preocupações, traços e estratégias anais. Nesta categoria, encontram-se o prazer no humor, no banheiro, horror a odores fétidos, asseio, avareza, acumulação, autocontrole rígido, relaxamento e agressividade.

**Fase fálica** Freud acreditava que, em algum momento entre 3 e 5 anos, na fase fálica, as crianças pequenas descobrem que os genitais fornecem prazer. Ele também pensava que a maioria das crianças pequenas começa a se masturbar nesse período. (No Capítulo 8 dissemos que as crianças podem começar mais cedo ou mais tarde.) As fantasias durante

a masturbação preparam o cenário para uma crise. A criança ama o pai do sexo oposto excessivamente e sente rivalidade intensa com o genitor do mesmo sexo. No caso das mulheres, o conflito é conhecido como complexo de Electra; nos meninos, complexo de Édipo. Os nomes originam-se dos personagens gregos lendários que tiveram conflitos intensos dessa natureza.

Primeiro, considere a situação do menino. Ele ama a mãe porque foi ela quem cuidou dele. Com o início da consciência sexual, dirige suas fantasias eróticas para ela, desejando-a para si e vendo o pai como rival. Deseja até que o pai morra ou imagina matá-lo. Mais cedo ou mais tarde, entretanto, a criança começa a enfrentar a realidade. E se o pai, maior e mais forte, retaliasse? O menino teme especialmente a castração, que removeria sua fonte de prazer. Para eliminar essa possibilidade aterrorizante, o menino reprime o amor pela mãe e identifica-se com o pai, lutando para se tornar como ele. Por meio da identificação, o menino elimina a ameaça e obtém a gratificação vicária de seus impulsos sexuais. (Ao se identificar com o pai, o menino compartilha dos privilégios sexuais do pai na imaginação.) Essa identificação tem conseqüências de longo alcance. Permite aos filhos adotar as características de personalidade masculinas e incorporar o superego (valores morais) dos pais.

As meninas enfrentam uma crise semelhante, aproximadamente na mesma época do desenvolvimento. Inicialmente, a filha, como o filho, ama a mãe, que cuida dela. Entretanto, em algum momento durante a fase fálica, a mulher descobre que tem uma cavidade, em vez de pênis, o órgão sexual mais desejável (como Freud o via). Para resolver a situação, a menina supõe que já tivera pênis, mas foi castrada. Ela culpa a mãe, e o amor pela mãe diminui. Para ganhar controle do órgão sexual valorizado, a menina transfere temporariamente o amor para o pai.

Freud foi incapaz de explicar adequadamente por que a filha deveria reprimir o amor pelo pai, identificar-se com a mãe, assumir o comportamento típico do sexo feminino e adotar o superego da mãe. Ele decidiu que o amor ao pai e a rivalidade com a mãe simplesmente desapareciam lentamente, com o tempo. Ao contrário da identificação do menino com o pai, a identificação da filha com a mãe é relativamente fraca. Na opinião de Freud, a falta do pênis é decisiva: acarreta sentimentos de inferior

ridade e inveja (*inveja do pênis*) nas mulheres, e as leva a padrões morais fracos.

Se surgirem dificuldades durante a fase fálica e muita libido for aí fixada, inúmeros problemas tornam-se prováveis. Sem incorporar as atitudes dos pais, as crianças têm preparo inadequado para formas mais avançadas de pensamento e são moralmente incapacitadas. Mesmo se os valores adultos forem incorporados como superego, algumas crianças não podem resolver o conflito e permanecem excessivamente ligadas ao genitor do sexo oposto. Conseqüentemente, elas podem nunca romper com a mãe ou com o pai, ou podem sentir-se atraídas apenas por mulheres ou homens muito mais velhos (substitutos dos pais).

**Período de latência** Freud acreditava que, quando a fase fálica termina, por volta dos 5 anos, a personalidade está essencialmente formada. Nos seis anos subseqüentes, aproximadamente, as necessidades sexuais ficam dormentes. Não aparecem conflitos ou mudanças importantes; esse período é chamado de *período de latência*.

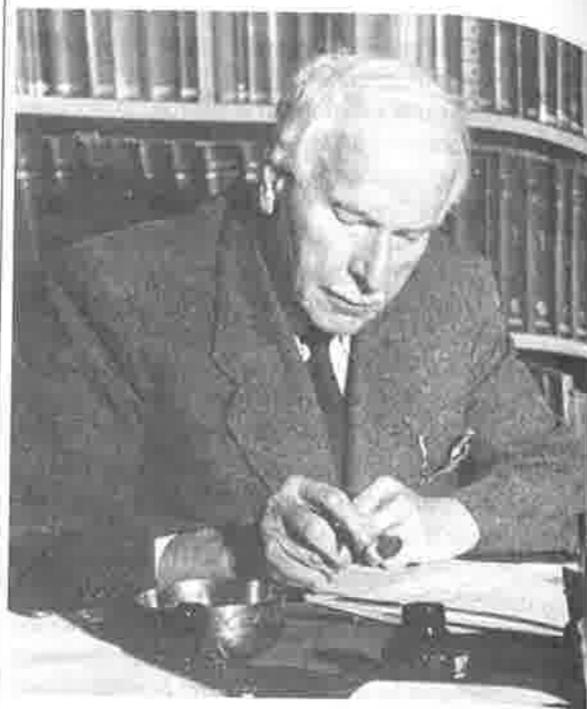
**Fase genital** Os interesses sexuais são despertados novamente no início da puberdade. Durante a *fase genital*, que se estende por toda a adolescência e fase adulta, as pessoas orientam-se para os outros e formam relacionamentos sexuais satisfatórios. Até então, estavam absorvidas no próprio corpo e necessidades. Freud via um vínculo heterossexual maduro como a marca da maturidade. Se a energia está ligada a estágios de desenvolvimento inferiores (em virtude da gratificação ou frustração excessiva), os adolescentes não podem enfrentar este desafio.

### Outras Teorias Psicodinâmicas

Embora Freud tenha formulado a teoria psicodinâmica mais influente, o trabalho de inúmeros teóricos é importante. Esses outros, como Freud, eram terapeutas que ajudavam os pacientes a entender seus problemas e a lidar com eles. Muitos apoiaram as idéias de Freud durante um tempo. Horney, Sullivan e Erikson às vezes são chamados de neofreudianos ("neo" significa novo) por suas idéias estarem extremamente relacionadas com as de Freud.

#### Carl Jung

Carl Gustav Jung (1875-1961) (veja a Figura 12.3), um psiquiatra suíço, foi visto como o herdeiro de



**FIGURA 12.3** Carl Gustav Jung, a quem Freud descreveu como "meu sucessor e príncipe herdeiro da coroa" em 1909. Quatro anos depois os dois seguiram caminhos diferentes e romperam a amizade. Além de suas diferenças ideológicas, havia diferenças temperamentais. Enquanto Freud era levado pela lógica, Jung era fascinado pelo oculto. Ele buscava *insights* sobre a personalidade em rituais primitivos, religiões, mitologias, alquimia, astrologia e alucinações. (National Library of Medicine.)

Freud no movimento psicanalítico. Em 1912, abandonou a teoria psicanalítica ortodoxa porque a noção de que a libido é basicamente sexual e a ênfase no início da infância incomodavam-no. Jung, como Freud, ressaltou o inconsciente. Entretanto, focalizou os objetivos e as lutas das pessoas, a procura de sua totalidade e o desenvolvimento criativo (em vez de a infundável repetição de temas instintivos, como Freud fazia). Para Jung, o inconsciente continua conteúdos positivos, negativos e coletivos, bem como pessoais. A contribuição mais original e controversa de Jung à teoria da personalidade é a idéia do *inconsciente coletivo*. Jung acreditava que as pessoas são o produto de duas forças: histórias individuais e experiências compartilhadas com toda a raça humana por toda a sua existência (o inconsciente coletivo). Na visão de Jung, todos herdam o mesmo inconsciente coletivo. Esse reservatório

guarda idéias freqüentemente na forma de imagens ou *arquetipos* (por exemplo, a mãe, o herói, o velho sábio, a criança). Esses arquetipos, influenciando as expectativas e o comportamento, dominam a personalidade. Considere o arquetipo "a mãe" como ilustração. De acordo com Jung, as pessoas nascem acreditando que a mãe (e figuras maternas como as avós e tias) é carinhosa e afetuosa. Tais conceitos predispõem a criança a perceber e reagir a figuras maternas com confiança e a se tornarem dependentes. Na maioria dos casos, as mães comportam-se de forma generosa, de modo que as percepções e respostas das crianças são apropriadas. Se a mãe desvia-se do arquetipo, negligenciando ou maltratando o filho, suas reações mudarão de acordo, uma vez que o comportamento depende da história pessoal, bem como do inconsciente coletivo. A sustentação do inconsciente coletivo veio de símbolos e mitos comuns que Jung encontrou em diversas literaturas. As idéias influentes de Jung sobre tipos de personalidade serão mencionadas mais tarde.

#### Alfred Adler

Alfred Adler (1870-1937) (veja a Figura 12.4) era um psiquiatra austríaco e outro membro do grupo original de Freud que posteriormente se afastou. Como Jung, Adler sentia que a importância da sexualidade no desenvolvimento da personalidade tinha sido superestimada. A teoria psicodinâmica de Adler, conhecida por *psicologia individual*, ressaltava a importância de forças sociais e conscientes. A abordagem era individual, sendo atribuído a cada pessoa um padrão único de qualidades: motivos, traços, valores, interesses. Adler via *sentimentos de inferioridade* como centrais à personalidade. A começar da idade precoce, as crianças avaliam-se continuamente. Incapazes de atingir objetivos e desejos importantes, inevitavelmente desenvolvem sentimentos de inferioridade. Esses sentimentos variam em tipo e intensidade, dependendo das experiências, e modelam a motivação e o estilo de vida posteriores. Em cada ato psicológico, Adler (1930, p. 398) discerniu o que chamou "a luta pela superioridade [...]". O ímpeto do menos para o mais nunca termina. A pressão de 'baixo' para 'cima' nunca cessa". Enfatizando a luta por objetivos e olhando para o futuro, Adler era comparativamente otimista com relação às possibilidades humanas.



**FIGURA 12.4** Alfred Adler trabalhou com o grupo original de Freud quando jovem, mas gradativamente desenvolveu uma abordagem rival. Sua ênfase nas influências e pressões sociais e seu conceito de um *self* criativo constituíram afastamentos radicais da orientação biológica de Freud e da noção de um ego que serve ao id. O *self* das pessoas é criativo — Adler acreditava — na busca de experiências realizadoras e na elaboração de tais experiências quando incapazes de encontrá-las. (Bettmann Archive.)

#### Karen Horney

A psicanalista alemã Karen Horney (1885-1952) (veja a Figura 12.5) estudou na Alemanha com um dos seguidores de Freud e mais tarde tornou-se influente nos círculos psicanalíticos nos Estados Unidos. Como Adler, Horney enfatizou o contexto social do desenvolvimento. Ela também considerava imprecisas as idéias freudianas clássicas sobre sexualidade, principalmente aquelas sobre psicologia feminina. Freud, você vai se lembrar, acreditava que as atitudes, os sentimentos e os conflitos das mulheres desenvolvem-se de um sentimento de inferioridade genital e inveja do sexo masculino. Horney apontou outros determinantes de qualidades femininas: a ênfase excessiva no amor e a falta de confiança.

O conceito primário de Horney é a *ansiedade básica*, a causa de distúrbios neuróticos. Na visão dela, todos os jovens — principalmente aqueles que mais



**FIGURA 12.5** Karen Horney, psicanalista respeitada, queria refinar a psicanálise, em vez de romper com ela. Ao contrário de Freud, ela acreditava que a psicologia feminina origina-se da pouca autoconfiança e da ênfase exagerada no amor e que tem pouco a ver com a anatomia. (Bettmann Archive.)

tarde desenvolvem sintomas neuróticos — sentem hostilidade para com os pais, que são inevitavelmente frustrantes, mesmo quando têm boa intenção. Se a hostilidade é intensa, as crianças preocupam-se com o fato de que vão expressar isso e os pais vão se afastar e deixar de aceitá-las, amá-las e oferecer afeto. As crianças ficam aterrorizadas com a possibilidade de serem isoladas e ficarem desamparadas, a fonte de ansiedade básica.

Crianças em crescimento, e mais tarde adultos, adotam estratégias defensivas para assegurar que não perderão segurança e afeição. Poderiam *mover-se em direção* às pessoas, sendo excessivamente submissas (tentando alcançar os padrões do outro a qualquer custo), dedicando a vida à realização ou influenciando os outros para ganhar afeição. Se o amor não for acessível, podem voltar-se *contra* as pessoas, buscando poder e exploração. Uma terceira estratégia é *afastar-se dos outros* e focalizar o *self*, talvez desenvolvendo uma auto-imagem irreal para compensar sentimentos de inferioridade ou buscan-

do continuamente falhas e ocultando-as para parecerem perfeitas e inatacáveis. Quando manobras irracionais (neuróticas) como essas tornam-se estratégias permanentes, podem assumir uma dimensão de urgência e dominar a personalidade. Essas lutas neuróticas não podem ser satisfeitas e geram muita infelicidade.

### Harry Stack Sullivan

Harry Stack Sullivan (1892-1949) (veja a Figura 12.6), psiquiatra americano, enfatizou os relacionamentos sociais, como Adler e Horney. Sullivan, igualmente, ficou impressionado com a importância da infância no desenvolvimento da personalidade, principalmente na segunda década de vida. Em um ambiente interpessoal favorável, as demandas de pais afetuosos são uma correspondência justa para as capacidades da criança. Entretanto, algumas crianças são confrontadas com estresses duradouros porque não



**FIGURA 12.6** Crítico social e psiquiatra, Harry Stack Sullivan, que acreditava que sociedades imperfeitas produzem pessoas imperfeitas que se aprimoram apenas se seu ambiente melhorar, focalizou-se nos relacionamentos da infância. Embora provavelmente esquizofrênico, alcoólatra e inclinado a surtos de depressão, ele ganhou reputação de clínico habilidoso (Perry, 1982; Robinson, 1982). Mais que qualquer outro pensador psicodinâmico, ele enfatizava o teste empírico de idéias. (Bettmann Archive.)

podem atender aos padrões emocionais, intelectuais ou físicos da respectiva família. Sullivan acreditava que essas falhas atrasam ou distorcem o desenvolvimento. Um teórico otimista, Sullivan via a natureza humana como flexível. Mesmo experiências familiares destrutivas poderiam ser superadas, ele acreditava, com apoio e afeto pessoal. Uma criança que tivesse intimidade com colegas durante a adolescência, por exemplo, poderia tornar-se um adulto saudável.

Sullivan achava que as pessoas são dominadas por necessidades de segurança: evitar ou reduzir sentimentos negativos como culpa, medo, tensão, pânico e vergonha. Elas tentam utilizar um arranjo de dispositivos para afastar a ansiedade, empregando aqueles que funcionam melhor para elas.

### Heinz Hartmann

A começar do fim da década de 1930, inúmeros seguidores de Freud voltaram a atenção do id para o ego, rompendo com a noção psicanalítica de que o id domina a vida humana. Os *psicólogos do ego* enfatizavam o significado do ego para ajudar as pessoas a se ajustar ao respectivo ambiente. O líder desse movimento psicanalítico, chamado *psicologia do ego*, foi Heinz Hartmann (1894-1970) (veja a Figura 12.7). Começando no nascimento, Hartmann enfatizou, o ego permite aos bebês perceber, controlar seus movimentos e aprender. Quando os bebês interagem com o ambiente, capacidades do ego como lembrar-se, pensar e perceber desenvolvem-se mais. Para os psicólogos dessa linha, o ego não estava necessariamente em conflito com o id, com o superego e com a realidade. Atuando sobre "energias agressivas e sexuais neutralizadas", o ego podia funcionar independentemente dos objetivos instintivos. Certas estratégias do ego, como mecanismos de defesa, embora especializadas para a solução de conflito, não são necessariamente patológicas. Ao contrário, ajudam os indivíduos a fazer um ajuste saudável. Como essas crenças sugerem, os psicólogos do ego tinham uma visão positiva da natureza humana.

### Erik Erikson

Erik Erikson (1902-1994) (veja a Figura 12.8), psicanalista americano, provavelmente fez mais que qualquer outro para expandir e elaborar as teorias do desenvolvimento de Freud. As revisões de Erikson tornam a teoria psicodinâmica mais aplicável a ex-



**FIGURA 12.7** Heinz Hartmann elevou o papel do ego acima da noção de "servo do id" da psicanálise clássica. Supondo que o ego tem cognição à sua disposição, Hartmann e seus seguidores compartilhavam com psicólogos contemporâneos um interesse pela percepção, pela recordação e pelo pensamento. (Allan Roos/The New York Times.)

periências contemporâneas. Como outros teóricos psicodinâmicos, Erikson enfatiza as implicações sociais. Diferentemente da maioria deles, ele traça o desenvolvimento durante todo o ciclo de vida. Uma vez que as observações de Erikson são amplamente aceitas, serão descritas em detalhes. Mencionamos suas idéias sobre adolescência e fase adulta no Capítulo 11.

Primeiro, o esboço geral. Na opinião de Erikson, a personalidade forma-se à medida que as pessoas passam pelas *fases psicossociais*. Em cada fase há um conflito a enfrentar e resolver, de uma forma positiva e negativa. A solução positiva resulta em saúde mental; a negativa leva ao desajustamento. Os conflitos estão todos presentes no nascimento, mas predominam em épocas específicas. A solução de qualquer conflito depende, em parte, de lidar com sucesso com conflitos anteriores. Entretanto, a saúde ou doença psicológica não é fixada. Experiências posteriores — boas e ruins — podem desfazer os efeitos das primeiras.

A teoria de Erikson abrange oito estágios. Durante o primeiro ano (paralelo à fase oral de Freud), os bebês enfrentam um conflito entre a *confiança* e a



**FIGURA 12.8** Além de ser conhecido por sua teoria do desenvolvimento, Erik Erikson é reconhecido por seus acurados estudos psicobiográficos de Gandhi e Martin Luther. Ele experienciou muitas das confusões, dos conflitos e das crises sobre os quais escreveu. Um dos constructos ao qual mais se prendia, a crise de identidade, era bem conhecido por ele. Antes de optar pela psicanálise, ele tentou e descartou carreiras nas artes e no ensino (Roazen, 1976). (Bettmann Newsphotos/United Press International.)

*desconfiança*. Nesse período, o relacionamento com a mãe é extremamente importante. Se as mães amamentam os bebês, mantêm-nos aquecidos e acolhidos, aninham, brincam e conversam com eles, os bebês desenvolvem sentimentos de que o ambiente é agradável e seguro (confiança básica). Quando as mães não atendem a estas necessidades, os bebês adquirem temores e suspeitas (desconfiança).

Paralelamente à fase anal, de Freud, durante o segundo e terceiro ano, as crianças enfrentam um segundo desafio, *autonomia versus vergonha e dúvida*. Nesse período, as capacidades dos bebês estão aumentando rapidamente. Eles gostam de correr, empurrar, segurar e soltar. Se os pais incentivam as crianças a "ficar de pé sozinhas" e a exercitar as próprias capacidades, elas se sentem no controle dos músculos, dos impulsos, do ambiente e de si mesmas. Em outras palavras, sentem-se autônomas. Se os pais exigem demais muito cedo, ou im-

pedem o uso de habilidades recentemente descobertas, as crianças sentem vergonha e dúvida.

As crianças de 3 a 5 anos de idade correm, brigam e sobem. Orgulham-se de enfrentar problemas e conquistar o ambiente que as circunda. Desenvolvem a auto-estima dos poderes mentais, também, enquanto conversam, criam fantasias e brincam de faz-de-conta. Durante esse período ativo, a criança enfrenta um novo conflito, *iniciativa versus culpa* (paralelamente à fase fálica, de Freud). Se os pais respondem às perguntas e compreendem e aceitam a brincadeira ativa, as crianças aprendem a perseguir seus objetivos e adquirem iniciativa. Infelizmente, algumas mães e pais são impacientes e punitivos e consideram perguntas, brincadeira ou atividades bobas ou erradas. Nesses casos, as crianças sentem-se culpadas e inseguras; mais tarde na vida, relutam em agir de acordo com os próprios desejos.

As crianças de 6 a 11 anos entram em um novo mundo, a escola, com os próprios objetivos, limites, falhas e realizações. Na escola, aprendem alguma coisa de ser trabalhadores e fornecedores, à medida que confrontam um quarto grande desafio, *diligência versus inferioridade*. Quando as crianças sentem-se menos capazes que seus pares, desenvolvem uma noção de inadequação. Indivíduos bem-sucedidos emergem com um sentimento de competência e prazer no trabalho, um senso de diligência.

Durante a adolescência (quando começa a fase genital, de Freud), ocorre uma *crise de identidade*. Se esta não for resolvida, os jovens sofrem uma *confusão de papel*. Para atingir a identidade, o adolescente precisa integrar várias auto-imagens e escolher uma carreira e um estilo de vida adequados. Quando os jovens atingem confiança básica, autonomia, iniciativa e diligência, eles desenvolvem mais facilmente uma noção de quem são e no que acreditam.

A busca de identidade explica muitos padrões de comportamento adolescente. Nas palavras de Erikson (1968, pp. 132-133):

*Para se manterem unidos, (os jovens) identificam-se temporariamente com os heróis de turmas e multidões, a ponto de aparentemente perderem por completo a individualidade [...]. Em grande parte, o amor adolescente é uma tentativa de chegar a uma definição da própria identidade, projetando a auto-imagem difusa em outro e vendo-a assim refletida e gradativamente mais clara [...]. A clareza pode também ser buscada por meios destrutivos. Os jovens podem ser notavelmente arredios, intolerantes e cruéis ao excluírem aqueles que são "diferentes", na cor da pele ou nas raízes culturais, nos gostos e talentos e freqüentemente em aspectos não importantes como a maneira de se vestir*

*e gesticular, aspectos esses, arbitrariamente selecionados como sinais de que pertencem a um grupo na moda ou fora da moda. É importante entender em princípio (o que não significa aceitar todas as suas manifestações) que tais intolerâncias podem ser, por um período, uma defesa necessária contra a experiência de perda de identidade. Isso é inevitável em uma época da vida em que o corpo muda de proporção radicalmente, quando a puberdade genital floresce e inunda a imaginação com todos os tipos de impulso quando ocorre a intimidade com o outro sexo — às vezes, imposta ao jovem — e quando o futuro imediato confronta-se com muitas possibilidades e opções conflitantes. Os adolescentes [...] ajudam-se temporariamente a enfrentar esse desconforto, formando turmas e estereotipando seus ideais, seus inimigos e a si mesmos.*

Durante a fase de adulto jovem, um novo desafio — *intimidade versus isolamento* — surge. Os jovens adultos estão prontos para formar vínculos sociais duradouros: demonstrar interesse, compartilhar e confiar nos outros. Na visão de Erikson (1963, p. 266), a intimidade requer o desenvolvimento de um relacionamento sexual com um membro amado do sexo oposto, "com o qual uma pessoa sente-se capaz e deseja viver os ciclos de trabalho, procriação e recreação". As pessoas que não têm senso da própria identidade têm dificuldade para estabelecer relacionamentos íntimos. Às vezes isolam-se. Às vezes formam vínculos insatisfatórios, nos quais não há, de fato, espontaneidade e sinceridade.

Os conflitos continuam. O adulto de meia-idade precisa escolher entre *generatividade* e *auto-absorção*. O termo "generatividade" foi cunhado por Erikson para se referir a um compromisso com o futuro e com a nova geração. A preocupação ativa com os jovens e o envolvimento para a melhoria da vida humana eleva o *self*. A excessiva auto-absorção gera estagnação.

Finalmente, quando a vida aproxima-se do fim, o idoso enfrenta uma última crise, *integridade versus desesperança*. As pessoas que olham para trás sentem-se satisfeitas e aceitam sua vida, achando que valeu a pena viver, têm um senso de integridade. O desespero atinge aqueles que acham pouco sentido ou satisfação na vida passada e vêem a vida como desperdiçada. O tempo acabou. A morte é aterradoramente.

A Tabela 12.1 compara cada fase das teorias da personalidade de Erikson e Freud.

### Mensuração da Personalidade: Partindo da Perspectiva Psicodinâmica

Os teóricos psicodinâmicos usam vários instrumentos — entrevistas, estudos de caso e testes projetivos — para avaliar os aspectos inconscientes da personalidade que freqüentemente lhes interessam.

**TABELA 12.1** Comparação das teorias de estágios de Freud e Erikson.

Idade Aproximada	Fases Psicosexuais de Freud	Fases Psicossociais de Erikson
Primeiro ano	Oral	Confiança básica X desconfiança
2-3 anos	Anal	Autonomia X vergonha, dúvida
3-5 anos	Fálica	Iniciativa X culpa
6 anos à puberdade	Latência	Diligência X inferioridade
Adolescência	Genital	Identidade X confusão de papel
Início da idade adulta		Intimidade X isolamento
Meia-idade		Generatividade X auto-absorção
Idade adulta avançada		Integridade X desesperança

### Entrevistas

A entrevista (veja a p. 25) provavelmente é a técnica mais comum de avaliação hoje usada por aqueles que tratam psicologicamente de pessoas com problemas, seja psicodinâmica ou não. As entrevistas podem ser consideradas *observações participantes* porque o entrevistador, freqüentemente atuando como terapeuta, é tanto observador quanto participante. As entrevistas psicodinâmicas são de um tipo especial. No contexto da *terapia* psicanalítica, por exemplo, o clínico e o paciente exploram a vida mental do paciente, em geral em sessões de uma hora, diversas vezes por semana, durante três a cinco anos. Aqueles que seguem a abordagem freudiana ortodoxa pedem aos pacientes para que façam associações livres e digam o que lhes vem à cabeça. Na livre associação, o analista sente que as pessoas deixam as defesas de lado; daí, os conteúdos que iluminam problemas profundamente assentados têm maior probabilidade de vir à tona. O entrevista-

dor psicodinâmico ficará atento a sinais de conflito na infância, a medos e a impulsos proibidos dos quais o paciente não tem consciência.

Como ocorre em todas as entrevistas, as psicodinâmicas oferecem *insights* a respeito de aspectos pessoais e privados da personalidade: pensamentos, sentimentos, conflitos e outros. Quanto às suas desvantagens, os entrevistados podem dar informações imprecisas e os entrevistadores provavelmente influenciam o comportamento sob observação à medida que se envolvem no relacionamento. Além disso, uma vez que os dados da entrevista são coletados e analisados informalmente, as conclusões dependem muito das tendências pessoais e das habilidades do entrevistador.

#### Quadro 12.1

##### O CASO DO PEQUENO HANS

Freud (1909-1957) realizou o estudo de caso do pequeno Hans com base em registros detalhados que o pai, amigo íntimo e discípulo de Freud, fez sobre o desenvolvimento do filho. Freud viu Hans apenas uma vez.

A primeira observação de importância ocorreu quando Hans tinha apenas 3 anos. Ele começou a mostrar grande interesse pelo próprio pênis, que ele chamava de "pipi". Ele estava interessado nos "pipis" de outras pessoas (principalmente da mãe) e de animais. Também é significativa a ameaça da mãe ao pegá-lo masturbando-se — "Mandar para o Dr. A. para cortar o pipi de Hans" —, se ele não parasse. Logo depois dessa conversa, Hans começou a ter ataques de ansiedade quando simplesmente andava pela rua. Gradativamente, a ansiedade centralizou-se em um único tema: que um cavalo branco ia mordê-lo. Freud acreditava que essa fobia ao cavalo branco simbolizasse preocupações sexuais.

O primeiro ataque de ansiedade originou-se de um sonho. Neste, a mãe de Hans foi embora, e ele acordou em pânico. Freud achava que o que realmente ocorreu no inconsciente de Hans era muito diferente. "A criança sonhava em trocar carícias com a mãe e dormir com ela; mas todo o prazer era transformado em ansiedade e todo o conteúdo ideacional, em seu oposto" (p. 118).

De acordo com a orientação de Freud, o pai de Hans começou a fazer terapia com o filho. Inicialmente, o pai disse ao menino que sua ansiedade devia-se à masturbação e que ele devia parar. Ao mesmo tempo, Hans deveria explorar memórias que se relacionavam com o medo de cavalos. Hans lembrou-se de ouvir um pai dizer à filha: "Não ponha a mão no cavalo; se você fizer isso, ele a morderá". Freud comparava essa advertência à ameaça da mãe de Hans de castrá-lo por se masturbar.

##### Estudos de Caso

Depois de conduzir entrevistas (centenas, talvez, ou apenas algumas), os observadores psicodinâmicos às vezes elaboram estudos de caso. Nestes, o material de entrevista — geralmente de uma pessoa — é escrito como um histórico de vida (também chamado *estudo de caso* ou *observação clínica*). Os estudos de caso originados de ambientes clínicos tendem a lidar com comportamento anormal. Leia o estudo de caso ilustrativo no Quadro 12.1, antes de prosseguir à leitura. ■

Os estudos de caso são a única forma de examinar uma determinada personalidade detalhadamente. Permitem que complexidades e contradições aflorem. Retratam a mudança e a continuidade com

Freud encontrou apoio para os desejos sexuais de Hans pela mãe nos temas das fantasias do menino: ser violento e fazer coisas proibidas. Em um dos sonhos diurnos de Hans, por exemplo, havia duas girafas — uma chorava porque Hans havia levado a outra embora. Em outro sonho diurno, Hans se viu forçando-se a "um espaço proibido". Freud acreditava que essas fantasias indicavam que o menino estava lutando com seu desejo de possuir sexualmente a própria mãe.

À medida que o tratamento progredia, tornou-se claro para Freud que os cavalos simbolizavam o "pai" para Hans. O bigode e os óculos do pai eram parecidos com o "preto na boca dos cavalos e aquelas coisas em frente aos olhos deles".

Finalmente, Hans passou a ter medo de carroças, peruas de transporte de móveis e cavalos que pareciam grandes e pesados ou moviam-se rapidamente ou caíam. Em um passeio com a mãe, Hans ficou aterrorizado ao ver um cavalo cair e dar golpes com as patas. Freud achava que Hans havia se lembrado de um desejo "terrível": de que o pai caísse e morresse.

Freud passou a acreditar que as peruas que transportavam móveis, as carroças e semelhantes simbolizavam gravidez. Quando um cavalo bastante carregado caiu, Hans viu a mãe dando à luz. O parto de uma criança era ameaçador para o menino porque afastava dele a mãe adorada e trazia outro rival para disputar seu afeto.

O caso de Hans foi concluído quando o menino dominou o complexo de Édipo. Freud achava que a solução da ansiedade de castração veio com um sonho e uma fantasia. Hans imaginava que o encanador dava-lhe um pipi novo e maior; e sonhava casar-se com a mãe e ter muitos filhos e casar o pai com a avó. Tanto a doença quanto a análise de Hans terminaram nesse ponto.

o tempo. Não é infrequente revelarem *insights* inesperados. Os estudos de caso servem claramente a uma função didática (de ensino) também. Fornecem ilustrações excelentes de como um princípio específico aplica-se a uma situação da vida real.

Entretanto, muitos psicólogos questionam se os estudos de caso são úteis como testes de hipóteses e como sustentação de teorias, como alegam os teóricos psicodinâmicos da personalidade. Ao mesmo tempo que a natureza não dirigida dos estudos de caso lhes dá força, apresenta problemas. Pode haver dados e dados que não se encaixam facilmente e são difíceis de interpretar. Do mesmo modo, a precisão do conteúdo das entrevistas é difícil de determinar. Como observações feitas depois do fato ocorrido, o conteúdo é suspeito, assim como todas as memórias. Pensamentos e sentimentos presentes — incluindo as perspectivas do clínico, as quais são freqüentemente adotadas pelo paciente — são capazes de distorcer o conteúdo.

A interpretação é outro problema. Podem-se fazer diversas interpretações dos mesmos dados. Freud via o caso do pequeno Hans como evidência de vários conceitos psicanalíticos: o complexo de Édipo, as ansiedades de castração e a repressão. Entretanto, os psicólogos com orientação behaviorista enfatizam as experiências reais do pequeno Hans como eventos assustadores — como cavalos caindo — e vêem as fobias como condicionadas. Precisamente o mesmo conteúdo que dá sustentação a conceitos psicanalíticos pode ser utilizado como apoio a conceitos de aprendizagem.

Há outro limite importante nos dados de estudos de caso. Uma vez que os achados vêm de uma amostra não representativa, é difícil saber quanto eles se aplicam a outros. Ou seja, é difícil generalizar para toda uma população, com base em um ou diversos ou mesmo centenas de casos atípicos.

Finalmente, alguns psicólogos objetam a dados descritivos, ou *qualitativos*, do estudo de caso. Eles argumentam que os números dão informações mais precisas, o que é necessário para o avanço de uma ciência. Entretanto, a maioria dos psicólogos parece sentir que o estudo de caso, embora útil basicamente para fornecer os primeiros *insights*, precisa ser seguido por estratégias mais sistemáticas e objetivas.

##### Testes Projetivos

Os teóricos psicodinâmicos acreditam que as pessoas *projetam* continuamente as próprias percepções e emoções e os próprios pensamentos no mundo externo, sem ter consciência disso. Os testes *projetivos* são concebidos para revelar esses sentimentos e impulsos inconscientes. Como os testes podem fazer isso? Eles apresentam conteúdo relativamente não estruturado e ambíguo (obscuro) para as pessoas responderem. Sem orientações ou padrões, as pessoas submetidas aos testes confiam nos próprios recursos psicológicos; ao fazerem isso, revelam facetas escondidas da respectiva personalidade. Rorschach, TAT, completar sentenças e testes de desenhos são comumente usados como instrumentos projetivos (Lubin & Larsen, 1984; Lubin *et al.*, 1985).

**Teste Rorschach** O psiquiatra suíço Hermann Rorschach foi a primeira pessoa a fazer uma tentativa sistemática de usar manchas de tinta para desvendar pensamentos e sentimentos inconscientes. Hoje, quando as pessoas fazem o teste, chamado de *Rorschach*, pede-se a elas para dizer o que vêm (uma forma de associação livre) ao examinar dez borrões de tinta (como os mostrados na Figura 12.9). Cinco das manchas são pretas e brancas e cinco contêm cores. As associações livres de I. S. a diversas manchas de tinta são apresentadas na Tabela 12.2.

Depois do período de livre associação, o examinador pede à pessoa que está fazendo o teste para examinar as manchas uma segunda vez e especificar o que levou a cada impressão: Que região da mancha? Que cor? Que textura? Que sombra?

Os examinadores de teste procuram temas que reflitam orientações permanentes para a vida. Se você dá o mesmo tipo de respostas comuns que os outros dão, está apto a ser rotulado de adaptado. Ver muito movimento humano é considerado sinal de criatividade, capacidade de abstração e inteligência. Ser influenciado pela cor presumivelmente indica resposta ao ambiente externo, típico de pessoas extrovertidas.

O psicólogo que analisou o Rorschach de I. S. concluiu que suas atitudes negativas, críticas, hostis e de insatisfação, reveladas na entrevista e em outros testes, foram apoiadas por associações como "nuvens de melancolia" e "pingos de cores, uma confusão". A Figura 12.9 dá vários outros exemplos de prováveis interpretações de Rorschach.



RESPOSTA 1. Uma âncora de barco coberta de crustáceos.

O uso de toda a mancha é considerado uma evidência da capacidade da pessoa de organizar e integrar conteúdo.



RESPOSTA 2. Um gênio em uma garrafa.

A focalização de uma parte é considerada uma evidência de interesse pelo concreto, em oposição a questões abstratas.



RESPOSTA 3. Um anjo sem cabeça.

A referência da uma parte pequena ou incomum da mancha indica tendências pedantes (atenção rigorosa a regras e detalhes).



RESPOSTA 4. Uma cabeça de cachorro.

A reversão da figura e do fundo, dessa forma, é considerada uma característica de negatividade e obstinação.

**FIGURA 12.9** Um borrão de tinta similar a uma prancha de Rorschach é mostrada com respostas típicas. Para cada resposta, você pode ver a parte da mancha que a pessoa focalizou e uma interpretação plausível.

**CUIDADO:** As interpretações de amostra não se aplicam a todos. E respostas isoladas específicas são muito menos reveladoras que padrões gerais.

**TABELA 12.2** Respostas de I. S. a Rorschach.

**Prancha 9**

1. Parecem duas bruxas dançando em volta do fogo, com alguns arbustos ao redor. Você está olhando para elas através dos arbustos.

2. De cima, parece uma explosão; de cima para baixo, talvez uma explosão atômica. Vista de baixo, também parece dois espectadores, espíritos maléficos ou esqueletos, eu diria. Alguma coisa misteriosa está acontecendo acima deles; há nuvens de melancolia e em cima de tudo há um brilho sobre a cabeça deles, representando um espírito bom ou alguma coisa parecida.

**Prancha 10**

Parece uma paleta de artista, gotas de cores (tudo misturado), não parece ter muita coisa.

Fonte: Sarason, 1972, p. 227.

Os clínicos freqüentemente examinam o comportamento durante o período em que o teste está sendo aplicado, para *insights* adicionais. A hesitação notável e a qualificação de respostas são consideradas sinais de ansiedade. Tentativas repetidas de ganhar segurança e conseguir estrutura parecem refletir dependência. Um pequeno número de respostas breves será interpretado como sintomático de defensiva.

**Testes de completamento de sentenças**

Os testes projetivos de completamento de sentenças oferecem fragmentos que devem ser terminados: "Sinto-me...", "Quero...", "Minha mãe..." e "Minha maior preocupação é...". O examinador provavelmente analisa as respostas informalmente, procurando sinais de emotividade, atitudes perante figuras significativas da vida e o passado, fontes de conflito, estilo de linguagem e problemas pessoais. Veja a Figura 12.10 para amostras de um teste de completamento de sentenças e sua análise.

**Testes de desenhos e figuras** Alguns cientistas da personalidade fazem inferências sobre características pessoais com base em desenhos, como aqueles apresentados na Figura 12.11. Testes de desenho tendem a ser usados com crianças, embora o conhecimento sobre o desenho de crianças normais esteja apenas começando a ser reunido (Alland, 1983; Selfe, 1983; Van Sommers, 1984). Para um

1. Eu gosto *de drogas psicodélicas.*
2. Voltar pra casa *é um desapontamento constante.*
3. O que me incomoda *são as pessoas.*
4. Eu me sinto *pra baixo.*
5. Na escola *eu era infeliz.*
6. Estou muito *chateado.*
7. Meu pai é *uma coisa insignificante.*
8. Gostaria de *estar sempre doidão.*
9. Detesto *estar pra baixo.*

*Embora R. T. não mostre interesse em apresentar uma aparência aceitável do ponto de vista social, também não é totalmente sincero. A brevidade de suas respostas e sua postura geral sugerem uma cooperação apenas parcial. R. T. pareceu-me estar deliberadamente gerando uma imagem — membro da cultura da droga do campus universitário.*

*As sentenças completadas por R. T. sugerem profunda infelicidade. Este jovem parece vacilar entre apatia, hostilidade e depressão. Ele não se ajustou à sua família ("Voltar para casa é um desapontamento constante", "Meu pai é uma coisa insignificante") nem aos outros em seu ambiente ("O que me incomoda são as pessoas", "Na escola eu era infeliz"). Como resultado, o mundo social de R. T. parece ser desolado. Ao que parece, R. T. lida com isso, em princípio, escapando, principalmente por meio de drogas que parecem obcecá-lo ("Gostaria de ficar sempre doidão", "Gosto de drogas psicodélicas." "Detesto ficar pra baixo"). É difícil evitar a conclusão de que R. T. é desajustado e precisa de ajuda profissional.*

**Figura 12.10** Respostas selecionadas dos testes de completamento de sentenças de R. T., um jovem de 18 anos, estudante universitário. Que tipo de pessoa ele é? Veja se suas impressões concordam com aquelas do psicólogo — parte da interpretação aparece na parte inferior. (Nota: O psicólogo teve acesso a 40 sentenças a serem completadas, a testes adicionais e a dados de entrevista. Respostas a inícios de sentenças incompletas não fornecem, em si, informações suficientes para uma avaliação significativa da personalidade.)

teste popular, pede-se aos participantes para desenhar uma casa, uma árvore e uma pessoa. Há siste-

mas variados de interpretação (Di Leo, 1983; Levick, 1983; Wadeson, 1980). Tipicamente, os desenhos são considerados simbólicos. Desenhar figuras pequenas, por exemplo, é atribuído a sentir-se pequeno e inadequado. Distorções e omissões são consideradas expressão de conflitos. Linhas fortes refletem energia; linhas fracas, falta de vitalidade.

No Capítulo 8, descrevemos o *Teste de Apercepção Temática* (TAT), outra técnica projetiva. Fazer o TAT envolve inventar histórias, com base na observação de figuras. As histórias são analisadas por temas, especialmente os motivacionais.

**Críticas a testes projetivos** As técnicas projetivas têm importantes limitações:

**1** Examinadores diversos podem interpretar a mesma resposta a um teste projetivo de maneira diferente; logo, a *precisão* (consistência) da interpretação é freqüentemente baixa. Quando vários psicólogos analisaram os testes Rorschach de oficiais nazistas que estavam aguardando julgamento em Nuremberg, por exemplo, concluíram que eles eram mentalmente perturbados (Miale & Seltzer, 1975). Mais tarde, entretanto, dez autoridades em Rorschach avaliaram as mesmas respostas a cego — sem saber a identidade dos oficiais — e não conseguiram achar uma anormalidade marcante. De fato, eles não viram qualquer ponto marcante em comum entre os oficiais (Harrower, 1976). Deste e de outros estudos, depreende-se que as informações disponíveis e os vieses influenciam profundamente a interpretação de dados projetivos.

**2** A *validade* de testes projetivos (sua capacidade de medir o que se pressupõe que meçam) também é questionada porque muitos estudos não encontram sustentação para previsões com base em dados projetivos. No entanto, os instrumentos projetivos têm alguma validade para certos fins. Por exemplo, podem avaliar o grau de distúrbio psicológico, prever a duração de uma internação em um hospital psiquiátrico e avaliar estilos cognitivos e emocionais específicos (Anastasi, 1982; Exner, 1978; Gerstein *et al.*, 1976; Karon & O'Grady, 1970).

**3** *Respostas individuais* a testes projetivos são difíceis de interpretar. Participantes muito cultos podem dar respostas falsas aos testes (Holmes, 1974a). Mesmo quando aqueles que se submetem aos testes respondem honestamente, podem não estar projetando o eu. O tema de uma história poderia ser influenciado por um programa recente de



**FIGURA 12.11** Alguns psicólogos acreditam que o trabalho artístico fornece *insights* sobre aspectos da personalidade, como atitudes, auto-imagem e humor, e revela como as pessoas entendem o que está se passando ao seu redor. Aqui vemos desenhos feitos por crianças do Safe Home for Abused Families do condado de Nassau, Nova York. O desenho (à esquerda) que Kay, de 5 anos, faz de sua família inclui avó, avô e tia May. De acordo com o interpretador, Kay vê esses membros de sua extensa família como uma fonte maior de apoio que sua família nuclear, na qual presenciou o pai batendo na mãe e nos tios. Entretanto, a visão que Kay tinha desses parentes não é agradável. Os globos oculares aumentados e os dentes alongados e pontudos e o tratamento intenso do cabelo transmitem uma percepção de raiva e agressão. A ausência de braços e mãos em duas figuras pode derivar de uma impressão de que esses adultos não se aproximam dela, não a seguram nem lhe fazem carinho. A "árvore velha, velha, velha" à direita, desenhada por Dennis, de 11 anos, é assim descrita: "Está para morrer, mas talvez não morra. Havia outra árvore, mas morreu. Esta árvore tem 50 anos. As árvores não conseguem passar de 50 anos. Uma árvore em meu quintal tem 100 anos. Tudo é sobre morte". Certamente, Dennis parece preocupado com a morte; e, de fato, disse ao terapeuta que queria morrer e pensava em voz alta como ia se sentir se pulasse de uma janela do décimo andar. De acordo com o interpretador, a árvore simboliza Dennis, cuja existência é semelhantemente precária. A preocupação de Dennis com a morte pode estar refletida, até mesmo graficamente, no que poderiam ser figuras enforcadas no galho de baixo. Os galhos inadequadamente desenvolvidos ou cortados são vistos como representando a incapacidade de Dennis de alcançar e encontrar satisfação em seu ambiente. As linhas traçadas no galho superior são consideradas indicadores de confusão, impulsividade e instabilidade. O texto discute alguns dos problemas com testes projetivos. (De Wohl & Kaufman, 1985.)

TV ou pelo conflito de um amigo, bem como pelas próprias experiências ou preocupações.

Embora esses achados desanimadores de pesquisa sejam conhecidos e muitos investigadores e professores aconselhem o não emprego de testes projetivos (Pruitt *et al.*, 1983), os clínicos continuam a usar esses instrumentos de medida (Lubin & Larsen, 1984; Lubin *et al.*, 1985). Muitos parecem sentir que os examinadores bem treinados, sensíveis e experientes podem perceber muito dos aspectos escondidos da personalidade, com base nos testes projetivos (Karon, 1978; Wade & Baker, 1977). Uma vez que há tantas formas de analisar e usar as téc-

nicas projetivas, estas questões não são resolvidas. Enquanto isso, os psicólogos estão tentando aprimorar essas medidas de personalidade e elaborar outras melhores.

#### **Teorias Psicodinâmicas: Comentários Críticos**

Hoje, as idéias psicanalíticas são amplamente aceitas pelo público em geral. Estamos tão saturados pelos conceitos de Freud que muitas pessoas falam de "necessidades frustradas", "impulsos inconscientes", "complexo de Édipo" e "personalidades orais", sem terem ciência de estar usando termos freudianos. Como a teoria da personalidade de Freud foi

difundida entre os psicólogos? Muitos concordam com a maioria dos *insights* fundamentais. A experiência inicial é importante no desenvolvimento da personalidade (veja o Capítulo 10), e as pessoas frequentemente são influenciadas por motivos e sentimentos dos quais não têm consciência (veja os Capítulos 8 e 9). Os detalhes das formulações de Freud, entretanto, são muito controversos. Será a motivação basicamente biológica, em sua origem? Os motivos inconscientes são os mais importantes? As crianças passam pelas fases oral, anal, fálica e genital? A personalidade é formada em torno dos 5 anos? As mulheres sentem inveja do pênis? A personalidade é dividida em partes? E assim por diante. Periodicamente, quando os psicólogos tentam entender a imensa bibliografia de pesquisa sobre idéias psicanalíticas, há pouca concordância (Eysenck & Wilson, 1974; Fisher & Greenberg, 1977). Os autores que examinam os mesmos dados chegam a conclusões surpreendentemente diferentes, e isso parece depender de suas convicções e simpatias.

Freud pode ser justamente criticado por inúmeras razões.

1 Ele não deu o devido peso às influências sociais e culturais na personalidade. Supôs, por exemplo, que a sexualidade é uma preocupação universal, em vez de relacionar essa preocupação à sociedade vitoriana.

2 Ele e outros teóricos psicodinâmicos adotaram inúmeros conceitos que não podem ser testados. De que forma o id ou a libido, por exemplo, poderiam ser medidos? (Nota: Algumas idéias psicodinâmicas são detalhadas e específicas e podem ser investigadas.)

3 Com grandes reservas a experimentos laboratoriais, Freud e outros teóricos psicodinâmicos enfatizaram observações clínicas como a forma primária para gerar e testar idéias sobre a personalidade. Relativamente poucos pensadores psicanalíticos procuram maneiras objetivas de avaliar seus conceitos (Edelson, 1984). Em geral, as idéias são aceitas porque os pacientes consideram-nas precisas e comportam-se menos neuroticamente, depois de ouvir explicações sobre eles ou pelo fato de as noções parecerem explicar lendas populares ou mitos. Tais fontes de evidência não têm objetividade e precisão.

4 Freud mostrou uma *desconsideração* flagrante pela *parcimônia*. Esse princípio científico diz que os cientistas devem escolher a explicação mais simples

que seja adequada aos fatos observados e dirigir-se às mais complexas apenas quando as idéias mais simples provarem-se inadequadas (veja o Capítulo 1). Por exemplo, a fixação durante a fase anal não é uma explicação parcimoniosa para o desleixo (sujeira). O complexo de Édipo durante a fase fálica não é uma explicação parcimoniosa sobre o motivo por que os meninos desenvolvem uma consciência.

5 Freud também cometeu erros de lógica. Ele substituiu observações por especulações. Notou, por exemplo, que meninos de 4 anos são ligados à respectiva mãe e evitam o pai. Então, conjecturou que a rivalidade, pela atenção sexual da mãe, está por trás de tal conduta. Finalmente, ele dispensou a observação e escreveu como se a explicação tivesse sido confirmada. Freud confundiu correlação com causalidade. Adultos dependentes frequentemente relatavam satisfação ou frustração quando alimentados na infância. Freud concluiu que uma (frustração ou satisfação durante o período oral) causava a outra (dependência). O Capítulo 1 tratou das razões pelas quais correlação não significa causalidade.

6 Embora o trabalho de Freud desafiase as idéias da época, também as refletia (Breger, 1981; Sulloway, 1979). Freud aceitou muitas suposições biológicas e sociais erradas de sua época. A noção de libido, por exemplo, veio das idéias vigentes sobre energia humana. No âmbito social, ele aceitou os vieses sexistas de sua cultura, supervalorizando o masculino e subvalorizando o feminino.

Freud indubitavelmente cometeu erros; no entanto, suas teorias permanecem vivas. Os estudiosos de diversas disciplinas aplicaram os *insights* psicanalíticos aos diários, aos escritos e ao comportamento de figuras como Michelangelo, Adolf Hitler, Richard Nixon e o assassino Sam Berkowitz (Abrahamsen, 1977, 1985; Binion, 1976; Liebert, 1983). Alguns psicólogos e psiquiatras aceitam as idéias psicanalíticas ortodoxas; outros aderem a modificações e revisões. Para muitos, a psicanálise está em um "estado contínuo de reformulação e refinamento" (Sandler, 1985).

#### **TEORIAS FENOMENOLÓGICAS**

Os seres humanos associam continuamente significados às informações que adquirem. Esses significados vêm de uma longa história de experiências. Inevitavelmente, então, todas as pessoas confrontam realidades ligeiramente diferentes. Essa

linha de pensamento é central à *fenomenologia*. Os psicólogos fenomenológicos concentram-se em tentar entender "o si mesmo" — self<sup>1</sup> — e sua vantagem singular é a direção para a vida. O self é definido geralmente como um conceito interno (imagem, modelo, ou teoria) que evolui à medida que as pessoas interagem umas com as outras. O autoconceito influencia a maneira pela qual as pessoas agem; as ações, por sua vez, mudam os autoconceitos.

Os psicólogos fenomenologistas assumem uma visão *holística*, na medida em que supõem que as pessoas são organismos integrados que não podem ser entendidos estudando-se partes componentes e "acrescentando-se" os achados. Deve-se examinar uma pessoa que pensa, age, sente e imagina da maneira pela qual ela vive cotidianamente. Como Freud e outros teóricos psicodinâmicos, os fenomenologistas freqüentemente dependem de observações clínicas. Eles estão especialmente interessados no que as pessoas dizem sobre como se sentem, pensam e percebem. A auto-realização (veja a p. 328) é considerada o motivo humano primário; a importância dos impulsos biológicos é diminuída. As pessoas tendem a ser consideradas naturalmente boas e íntegras. Os psicólogos humanistas têm aderido às teorias fenomenológicas.

### A Teoria do Self, de Carl Rogers

O psicólogo humanista Carl Rogers (1902-1987) (veja a Figura 12.12) tentou ajudar pessoas com problemas durante a maior parte de sua vida. Suas idéias evoluíram lentamente com base em suas experiências. Segundo ele (1959, pp. 200-201):

*Comecei meu trabalho com a noção estabelecida de que o self era um termo vago, ambíguo, sem significado [...]. Conseqüentemente, custei a reconhecer que quando clientes tinham a oportunidade de expressar seus problemas e suas atitudes usando os próprios termos. [...] tendiam a conversar em termos de si mesmos [...]. "Sinto que não estou sendo eu mesmo" [ou] "Sinto-me bem em me soltar e ser eu mesmo aqui". Parecia claro, com base nessas expressões, que o self era um elemento importante na experiência do cliente e que, em algum sentido estranho, seu alvo era tornar-se [o] "verdadeiro eu".*

Rogers (1976, 1979) definiu o self ou o "autoconceito" (usados alternadamente) como um padrão organizado, consistente, de características

percebidas do "eu" ou do "mim". Também estão incluídos os valores ligados aos atributos.

*Como o autoconceito desenvolve-se? Assim como as crianças observam os outros, elas se autoobservam. Desde cedo, elas têm ciência de consistências e começam a atribuir certos traços a si próprias: "Fico bravo facilmente", "Tenho muita energia", "Sou consciencioso", "Prefiro não me envolver". As crianças ligam valores a seus traços à medida que aprendem mais do quanto os outros consideram aqueles traços significativos. Por exemplo, ficar bravo facilmente é negativo; ter energia é*



**FIGURA 12.12** Carl Rogers estudou primeiro para padre, então se voltou para orientação infantil e finalmente para o ensino, antes de se tornar um eminente psicoterapeuta e destacado humanista. Ainda ativo aos 80 anos, liderava práticas terapêuticas como o uso inteligente da intuição e trocas honestas entre cliente e terapeuta (Rogers, 1985). Uma crença no valor de todos os indivíduos orientou seu trabalho desde o início. Ele explicava: "Tenho uma visão de Poliana da natureza humana. Sou consciente de que, livres de defesas e do medo interior, as maneiras pelas quais os indivíduos podem e de fato comportam-se são inacreditavelmente cruéis, horrivelmente destrutivas, imaturas, regressivas, anti-sociais e prejudiciais. No entanto, uma das partes mais revigorantes e inovadoras de minha experiência é trabalhar com esses indivíduos e descobrir as tendências direcionais fortemente positivas que existem neles, como em todos nós, nos níveis mais profundos" (1961, p. 27). (Doug Land.)

1. N.R.T.: Embora self (*selves*, no plural) possa ser adequadamente traduzido por "si mesmo", preferimos o termo em inglês, uma vez que ele já está consagrado na bibliografia psicológica.

positivo. À medida que as crianças acumulam experiências, alguns aspectos de seu antigo autoconceito são reforçados, enquanto outros desaparecem, sendo substituídos por novos.

Para Rogers, os seres humanos lutam para manter as percepções de suas experiências consistentes com a auto-imagem. Eles permanecem abertos a situações em harmonia com o autoconceito. Por exemplo, se você se considera alguém que se zanga facilmente, e faz birra, provavelmente essa visão é correta. Mas, suponha que você se veja como uma criança carinhosa, mas se sinta irritada e frustrada com um sobrinho. Uma vez que a experiência viola sua auto-imagem, é provável que bloqueie ou distorça isso.

Rogers via a infância como um período especialmente crucial para o desenvolvimento da personalidade, assim como os teóricos da psicodinâmica. Como aqueles que vêm depois de Freud, Rogers enfatizava os efeitos duradouros das primeiras relações sociais. Todos precisam de consideração positiva, carinho e aceitação daqueles que lhe são importantes. As crianças farão qualquer coisa para ganhar a aprovação dos pais. Nessa busca, algumas crianças distorcem ou negam as próprias percepções, pensamentos, emoções e sensações. A longo prazo, esta é uma estratégia de perda. Por quê? Se as pessoas estão dirigidas centralmente por um motivo para realizar potenciais construtivos, então negar ou distorcer qualidades importantes é prejudicial. Apenas auto-imagens irreais e incompletas podem ser construídas sobre essa fundação. As pessoas vão se sentir ameaçadas por qualquer experiência que entre em conflito com um falso autoconceito. Aos poucos, elas erguerão defesas rígidas para isolar seus conflitos. Permanecerão infelizes, pois não podem encontrar realização se não entenderem a si mesmas, e temem e evitam muito do que está acontecendo.

Indivíduos bem ajustados, ou "em pleno funcionamento", em contraste, têm autoconceitos realistas. Estão conscientes do próprio mundo e abertos a todas as experiências. Ao fazerem escolhas, podem considerar tudo o que surgir. Consideram-se positivamente, pois se sentem livres. Funcionam plenamente. Como Rogers assinalava, vivem "plenamente cada e todo momento". Estão mudando continuamente ou crescendo ("movendo-se à complexidade"), fazendo cada vez mais pleno uso de seu variado potencial.

Embora Rogers supusesse que a hereditariedade e o ambiente modelam a personalidade, ele focalizava os limites auto-impostos que geralmente podem ser ampliados. Para promover o crescimento, outras pessoas importantes precisam aceitar todos os aspectos de um indivíduo e considerar positivamente a pessoa. Em tais condições, os seres humanos começam a se aceitar, abrindo-se para mais experiências e movendo-se em direção à auto-realização.

### Mensuração da Personalidade: Partindo da Perspectiva Fenomenológica

Rogers e seus seguidores e colegas preocuparam-se em esclarecer as condições que facilitam o crescimento da personalidade no aconselhamento. Seus estudos avaliaram mudanças basicamente pela análise de entrevistas gravadas e testes de personalidade chamados Técnica Q.

Uma Técnica Q é um teste objetivo de personalidade elaborado por William Stephenson no início da década de 1950. Por *objetivo*, queremos dizer que pode ser classificado essencialmente da mesma forma, não importa quem administra o teste ou analisa os resultados. Em outras palavras, os testes objetivos — ao contrário da maioria dos testes projetivos — são minimamente influenciados pelas intuições e vieses do observador.

Para administrar uma Técnica Q, um examinador solicita aos participantes do teste que usem palavras, frases ou sentenças para descrever alguém, freqüentemente eles mesmos, de acordo com regras específicas. Eles podem ser solicitados a selecionar 100 cartões contendo descrições de personalidade ("Fico bravo facilmente", "Sou honesto", "Sou solidário") em uma das 11 pilhas, de acordo com o quanto a descrição os caracteriza. Às vezes as pessoas são incentivadas a retratar também a personalidade que consideram ideal. A Técnica Q resulta em uma visão abrangente dos pontos fortes e fracos da personalidade de um indivíduo, de um ponto de vista subjetivo.

As Técnicas Q são usadas de diversas formas. Os psicólogos rogerianos pedem aos clientes em terapia para descrever os *selves* que consideram reais e ideais. Se as duas descrições forem muito diferentes, então o indivíduo é tido como incongruente, sem harmonia. Rogers acredita que a incongruência reside no coração de todos os distúrbios psicológicos. A terapia supostamente reduz a incongruência;

seu sucesso pode ser avaliado, pedindo-se ao cliente para se submeter novamente à Técnica Q.

### Teorias Fenomenológicas: Comentários Críticos

Muitos psicólogos acham que as idéias de Rogers são úteis para conceituar e tratar dos problemas de pessoas moderadamente perturbadas. Alguns acham que sua fé na natureza humana é inspiradora. É confortante acreditar que, se as pessoas podem crescer naturalmente, serão criaturas efetivas, positivas e racionais que vivem em paz e alegria.

Como as visões dos teóricos psicodinâmicos, as idéias de Rogers são criticadas por ser impossível testá-las com precisão. Além disso, confiar exclusivamente naquilo que as pessoas dizem sobre si mesmas é problemático. A Técnica Q está repleta de muitas das mesmas dificuldades que cercam entrevistas e outros dados auto-relatados. Entretanto, é mais fácil de classificar e torna o viés do examinador menos problemático.

### TEORIAS DISPOSICIONAIS

Antes de prosseguir a leitura, queira referir-se a suas notas sobre I. S., o estudante universitário na abertura deste capítulo. Como você o descreveu? Para caracterizar um indivíduo na vida diária, as pessoas geralmente falam sobre seus traços ou seu tipo. Em ambos os casos, selecionam atributos, ou *disposições*, que parecem estáveis (de uma situação para outra) e duradouros (ao longo do tempo). Tanto a teoria de traços quanto a de tipos são consideradas *teorias disposicionais*.

### Traços

Os *traços* referem-se a características singulares. Incluem aspectos do temperamento, motivação, ajustamento, capacidade e valores. Pense em um traço como uma dimensão contínua ligando duas disposições opostas como reservado-extrovertido, tímido-aventureiro, ou tranqüilo-tenso. As pessoas parecem "ocupar uma posição" entre os dois extremos. Um amigo sociável está perto do extremo extrovertido do traço reservado-extrovertido; um tímido está no extremo oposto.

### Teoria e Medida do Traço: Enfoque em Raymond Cattell

Na década de 1930, o psicólogo Raymond Cattell (1905-) começou a definir e medir os principais traços de personalidade. Inicialmente, ele e seus colegas coletaram aproximadamente 18.000 palavras inglesas que eram usadas para descrever as pessoas. Omitindo expressões raras e repetidas, eles reduziram o número de itens para aproximadamente 200. Para compactar ainda mais a lista, a equipe de pesquisa de Cattell pedia a grupos variados de pessoas para usar as 200 palavras para descrever a si mesmas e aos amigos. As expressões foram subsequentemente analisadas por uma técnica matemática conhecida por *análise fatorial*. Em essência, os termos foram correlacionados um ao outro para ver se certas palavras-traços eram usadas da mesma maneira. Dezesesseis grupos de traços foram identificados e rotulados de letras e, mais tarde, nomes. As informações de testes objetivos de personalidade (veja a p. 526) e as classificações de comportamento na vida eram consistentes com a idéia de que esses 16 traços, que Cattell (1971, 1979) denominou *traços originais*, são dimensões básicas da personalidade.

O que sabemos dos traços originais? São relativamente estáveis em toda a vida e parecem ser bastante influenciados pela herança genética. Desses traços surgem muitos atributos superficiais, ou traços superficiais. O traço original E, definido pela dominância em um extremo e pela submissão no outro, por exemplo, parece ser responsável por traços superficiais como "autoconfiança" e "orgulho". Os traços superficiais de uma pessoa variam, dependendo da situação.

Além de identificar alguns dos blocos de construção da personalidade, Cattell e seus colegas desenvolveram vários testes objetivos de personalidade para medir traços originais e superficiais. Em um teste que avalia os traços originais, as pessoas respondem a perguntas como estas:

*Você se sente cansado quando não fez nada que justifique esse cansaço? (a) raramente (b) frequentemente*

*Se você pudesse voltar atrás e viver novamente, (a) gostaria de ser essencialmente o mesmo? ou (b) planejar sua vida de outra forma?*

O teste de Cattell dos traços originais permite aos psicólogos construir perfis de personalidade de grupos diferentes. Na Figura 12.13, você vê as classificações médias de traços originais obtidas em

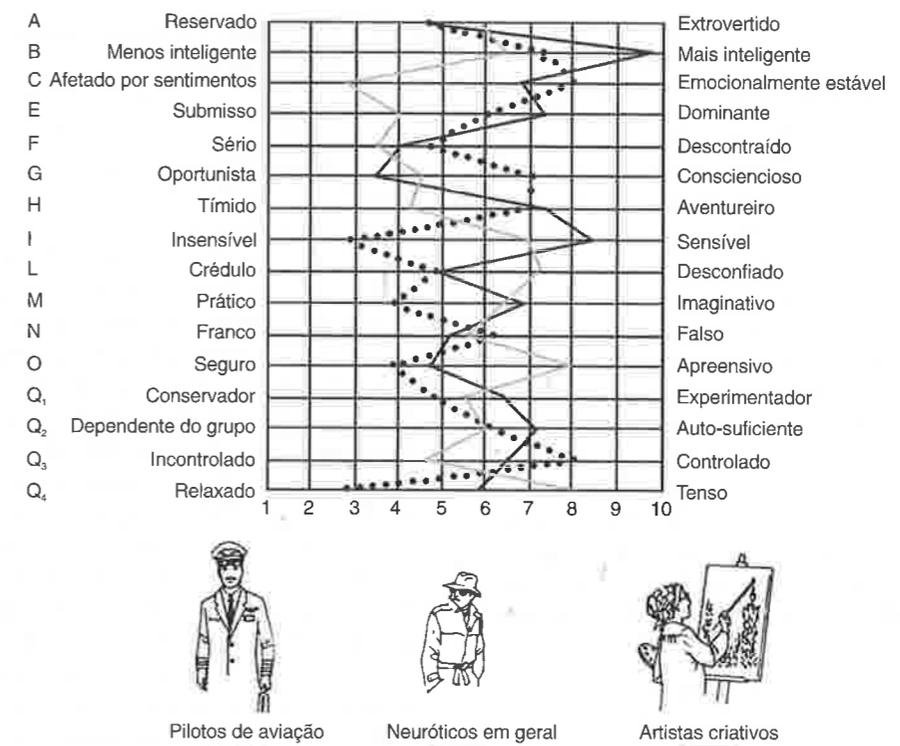


FIGURA 12.13 Os traços originais, de Raymond Cattell, especificados de "A" a "Q" são mostrados ao longo de perfis de personalidade de três grupos. (Institute for Personality and Ability Testing, Champaign, IL.)

amostras de pilotos, neuróticos e artistas. Os diferentes perfis de personalidade sugerem que as pessoas com traços diversos de personalidade são atraídas por carreiras diferentes.

A pesquisa de Cattell permitiu-lhe explicar e prever o comportamento. Em um estudo, por exemplo, Cattell e John Nesselroade (1967) testaram casais satisfeitos e insatisfeitos, para ver se "os pássaros com a mesma plumagem vivem harmoniosamente juntos". Pares com personalidades similares tinham maior probabilidade que outros de ter um relacionamento estável. Parecia ser especialmente importante que os parceiros fossem similares em três traços — reservado-extrovertido, confiante-desconfiado e dependente do grupo ou auto-suficiente. Além disso, em questões relativamente controvertidas, os maridos tendiam a ser um pouco mais dominantes que a respectiva esposa. Essas informações deram a Cattell e Nesselroade condições de prever com precisão quais casais de namorados formariam vínculos bem-sucedidos. Usando uma estratégia similar, Cattell e colaboradores exploraram os ingredientes que entram em grande número de

situações, incluindo sucesso na escola, alcoolismo e tolerância a lentes de contato.

Cattell fez previsões sobre indivíduos, bem como sobre grupos. Para prever como o indivíduo responderá em um ambiente específico, Cattell usou uma *equação de especificação*. Os traços da pessoa são ponderados por sua importância na situação de interesse. Os traços relevantes são ponderados com sua devida ênfase; os menos relevantes recebem menor destaque. Uma agência de emprego, por exemplo, pode usar a equação de especificação para associar a personalidade de um indivíduo aos requisitos de um emprego.

### Tipos

A *tipificação*, uma estratégia disposicional secundária, refere-se à classificação de pessoas em categorias de personalidade (ou tipos), com base em diversos traços relacionados. As abordagens de tipo diferem das abordagens de traços de duas maneiras:

1 Os traços referem-se a pequenas "partes" da personalidade; os tipos respondem por toda a personalidade.

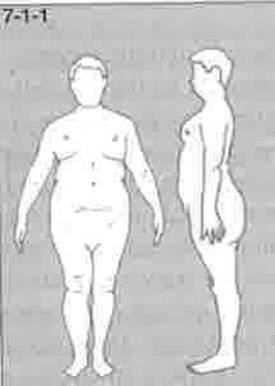
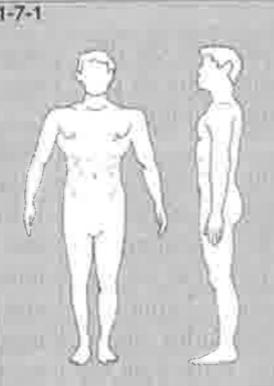
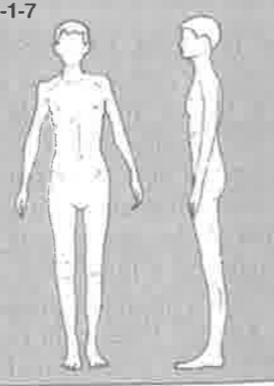
2 A tipificação supõe que traços específicos aglutinam-se, uma suposição sustentada pelas pesquisas (Mischel, 1978). Conversar muito e ser ativo está associado a gostar de contato social, por exemplo.

As teorias de tipos de personalidade existem há milhares de anos. Hipócrates, médico grego, dividia os temperamentos em quatro tipos: deprimido, otimista, apático e irritável. No início de sua carreira, Carl Jung, teórico da psicodinâmica, classificou as pessoas como predominantemente introvertidas (tímidas, preocupadas com os próprios sentimentos) ou extrovertidas (sociáveis). Hans Eysenck (1982, 1985), teórico contemporâneo influenciado por Jung, identifica três tipos primários no cerne da personalidade: introversão-extroversão, neuroticismo (tendência a adquirir sintomas relacionados com ansiedade) e "psicoticismo" (propensão a comportamento seriamente desorganizado). Focalizaremos agora a teoria de tipos do falecido William Sheldon.

### Teoria de Tipos e Mensuração: Enfoque em William Sheldon

O médico e psicólogo William Sheldon (1898-1977) acreditava que as pessoas com certos tipos de corpo desenvolvem tipos específicos de personalidade. Ele achava que as características físicas determinam em que as pessoas são boas e o que elas buscam, um conceito que chamamos "seleção de nichos" (veja a p. 52). Um homem alto, ágil, musculoso, por exemplo, provavelmente procurará fazer esportes. Os atributos corporais também modelam as expectativas dos outros. Em nossa cultura, por exemplo, esperamos que pessoas musculosas sejam atléticas e corajosas e que pessoas obesas sejam alegres e tenham bom gênio. Como destacamos durante todo o texto, os indivíduos freqüentemente desempenham os papéis que os outros esperam.

Sheldon (1942) e seus colegas elaboraram um ambicioso projeto de pesquisa para corroborar a ligação entre tipo corporal e personalidade. Eles caracterizaram tipos corporais masculinos e posteriormente femininos, de acordo com três dimensões físicas: *endomorfia*, *mesomorfia* e *ectomorfia*. A Figura 12.14 retrata e descreve esses tipos corpo-

	7-1-1	1-7-1	1-1-7
			
TIPO CORPORAL	<b>ENDOMORFIA</b> Víspera digestiva superdesenvolvida, redonda, mole	<b>MESOMORFIA</b> Rígido, retangular, forte, atlético, músculos altamente desenvolvidos	<b>ECTOMORFIA</b> Alto, magro, frágil, cérebro grande, sistema nervoso sensível
TIPO DE PERSONALIDADE	<b>VISCEROTONIA</b> Adora conforto, sociável, glutão, bem-humorado	<b>SOMATOTONIA</b> Assertivo, agressivo, ativo, direto, corajoso, dominante	<b>CEREBROTONIA</b> Inibido, contido, temeroso, autoconsciente

**FIGURA 12.14** William Sheldon descobriu que os tipos corporais e de personalidade definidos e retratados no quadro são associados um ao outro. Os números são classificações somatotípicas. O primeiro dígito indica o grau de endomorfia; o segundo, o grau de mesomorfia; e o terceiro, o grau de ectomorfia. Uma classificação de 1 é baixa; uma classificação de 7 é alta.

rais. Uma vez que a maioria das compleições corporais mescla essas disposições, os investigadores desenvolveram procedimentos para classificar a presença de cada componente. As avaliações de três corpos são mostradas na figura. Após elaborar maneiras confiáveis de classificar os tipos corporais, o grupo de Sheldon identificou três tipos correspondentes de personalidade: *viscerotonia*, *somatotonia* e *cerebrotonia*, também descritos na figura.

Para descobrir se a personalidade e os tipos corporais estão, de fato, associados, Sheldon e colaboradores classificaram os tipos corporais e o comportamento de estudantes universitários do sexo masculino durante cinco anos. Eles descobriram uma forte correlação positiva (quase 0,80) entre os dois. A endomorfia associava-se à viscerotonia; a mesomorfia, à somatotonia; e a ectomorfia, à cerebrotonia. Ao procurar confirmar esses achados, outros investigadores usaram, mais tarde, dois conjuntos de juízes treinados; um conjunto classificava corpos, o outro, personalidades (Tyler, 1974). Controlando o viés do experimentador dessa maneira, obtiveram resultados apenas moderados em correlações. Aparentemente, há uma ligação modesta entre constituições corporais e tipos de personalidade. Mas as previsões sobre comportamento baseadas em somatotipos não são muito precisas (Hartl *et al.*, 1982; Tuddenham, 1984).

### Testes Objetivos: A Abordagem Disposicional para Medir a Personalidade

Teóricos do traço desenvolveram testes objetivos de personalidade. Eles o chamaram de objetivo, você vai se lembrar (veja a p. 523), porque a atribuição de escores é essencialmente feita da mesma forma por qualquer examinador treinado e é minimamente influenciada pelo viés do examinador. Como ilustração, examinaremos o *Inventário Multifásico de Personalidade de Minnesota* (MMPI — Minnesota Multiphasic Personality Inventory).

O MMPI, elaborado no início da década de 1940 pelo psicólogo Stark Hathaway e pelo psiquiatra J. C. McKinley, é a medida de personalidade mais amplamente usada hoje em dia. Avalia uma amplitude de características pessoais, mas tende a enfatizar distúrbios e anormalidades (Costa *et al.*, 1985; Lubin & Larsen, 1984; Lubin *et al.*, 1985). O teste contém 550 sentenças verdadeiras/falsas agrupadas nas es-

calas descritas na Tabela 12.3. Examine os exemplos antes de prosseguir a leitura.

Cada escala do MMPI foi desenvolvida administrando-se itens de teste a populações normais e anormais de pacientes. Os itens que diferenciavam pessoas comuns daquelas pertencentes a um grupo clínico específico — digamos, depressivos — compunham aquela escala clínica. Um alto escore em uma escala específica (por exemplo, depressão) indica que se está respondendo como membro de uma população psiquiátrica com aquele diagnóstico. Um escore moderado sugere um problema menos sério. Outras interpretações comuns são apresentadas na Tabela 12.3.

Como você pode ver na tabela, o MMPI contém quatro *escalas de validade*. Elas revelam ao examinador algo sobre o estilo do cliente ao responder ao teste: O cliente era evasivo ou defensivo? O cliente tentou dar uma impressão favorável? O cliente estava desinteressado ou confuso? O cliente tentava fingir parecer mal? Um relato de teste de um homem de 37 anos, na Figura 12.15, mostra como essas escalas são levadas em conta na interpretação do desempenho de um indivíduo.

Tivemos acesso ao desempenho de I. S. no MMPI. Como muitos estudantes universitários, ele conseguiu elevados escores na Escala Masculinidade-Feminilidade. Considera-se que elevados escores para estudantes refletem interesses intelectuais e pela leitura de livros. I. S. também atingiu escores acima da média nas Escalas de Desvio Psicopático e de Hipomania. O padrão total sugeriu uma orientação não convencional, argumentativa e hostil à vida.

Várias centenas de escalas para medir diferentes aspectos da personalidade foram derivadas do MMPI. Há um amplo corpo de bibliografia de pesquisa que sugere que muitas dessas escalas têm alguma validade (Buros, 1978; Butcher, 1979; Mewmark, 1979). Atualmente, entretanto, há controvérsias sobre as normas estabelecidas na década de 1940, com base em uma amostra rural de Minnesota com oito anos de escolaridade, ainda seriam apropriadas (Colligan & Osborne, 1983). Hoje, aqueles que fazem testes nos Estados Unidos tendem a atingir escores mais altos. Isso pode indicar mais patologia, mudanças nas percepções sociais, ou mudanças nos estilos de resposta. Revisões do MMPI estão sendo feitas (Butcher *et al.*, 1984).

**TABELA 12.3** A validade e as escalas clínicas do MMPI.

Nome da Escala	Símbolo	Item de Amostra	Interpretação
Não pode dizer	?	Sem amostra. É meramente o número de itens marcados na categoria "não posso dizer" ou deixada em branco.	Esta é uma das quatro escalas de validade, e um alto escore indica evasivas.
Mentira	M	Às vezes fico bravo. (Falso)*	Esta é a segunda escala de validade. As pessoas que tentam apresentar-se de maneira favorável (por exemplo, boas, íntegras, honestas) obtêm elevados escores na escala M.
Freqüência	F	Tudo parece a mesma coisa. (Verdadeiro)	F é a terceira escala de validade. Elevados escores sugerem descuido, confusão ou "falso mau".
Correção	C	Tenho poucos medos em comparação a meus amigos. (Falso)	Uma elevação na última escala de validade, C, sugere uma atitude defensiva para fazer testes. Escores baixos demais podem indicar falta de capacidade para negar sintomatologia.
Hipocondria	H	Levanto-me bem disposto e descansado quase todas as manhãs. (Falso)	Aqueles que obtêm elevados escores foram descritos como cínicos e derrotistas.
Depressão	D	Às vezes estou cheio de energia. (Falso)	Aqueles que obtêm elevados escores geralmente são tímidos, desanimados e angustiados.
Histeria	Hi	Nunca tive desmaios. (Falso)	Aqueles com elevados escores tendem a se queixar de múltiplos sintomas.
Desvio psicopático	Dp	Gostava da escola. (Falso)	Os adjetivos usados para descrever alguns indivíduos com elevados escores são: aventureiros, corajosos e generosos.
Masculinidade-feminilidade	Mf	Gosto de revistas de mecânica. (Falso)	Entre os indivíduos do sexo masculino, os que atingiram elevados escores foram descritos como estéticos e sensíveis. Mulheres com elevados escores foram descritas como rebeldes, não realistas e indecisas.
Paranóia	Pa	Alguém está atrás de mim. (Verdadeiro)	Indivíduos com elevados escores nesta escala são caracterizados de astutos, reservados e preocupados.
Psicastenia	Pt	Com certeza, não sou autoconfiante. (Verdadeiro)	Medrosos, rígidos, ansiosos e preocupados são alguns dos adjetivos usados para descrever indivíduos com elevados escores de Pt.
Esquizofrenia	Eq	Acredito que sou uma pessoa condenada. (Verdadeiro)	Adjetivos como esquivo e incomum descrevem indivíduos com elevados escores de Eq.
Hipomania	Ma	Às vezes meus pensamentos disparam mais rápido do que eu posso falar. (Verdadeiro)	Aqueles com altos escores são chamados sociáveis, dinâmicos e impulsivos.
Introversão-extroversão social	Is	Gosto de reuniões sociais só para estar com pessoas. (Falso)	Indivíduos com elevados escores: modestos, tímidos e autodestrutivos. Com baixos escores: sociáveis, expressivos, ambiciosos.

\*As respostas verdadeiras ou falsas entre parênteses indicam a direção em que cada um dos itens foi avaliado.  
 Fonte: Publicado pela The Psychological Corporation, Nova York, NY. Copyright © 1943; renovado em 1970 pela Universidade de Minnesota.

IDADE 37 ANOS MASCULINO

Em resposta aos itens do teste, parece que o paciente fez um esforço para responder sinceramente, sem tentar negar ou exagerar.

Este paciente parece ser deprimido, agitado e inquieto. Parece ser uma pessoa que tem dificuldade em manter controle sobre seus impulsos. Quando age de maneira socialmente inaceitável, sente-se culpado e perturbado por um momento, embora essa angústia possa refletir dificuldades situacionais em vez de conflitos internos. Ele pode exibir um padrão cíclico de atuação, seguido de culpa, e de nova atuação. Frequentemente, o comportamento dele mostra uma tendência autodepreciativa e autopunitiva. Ele é pessimista quanto ao futuro e desiludido com seus fracassos para atingir seus objetivos. Suas intenções de melhorar parecem genuínas, mas o padrão é persistente, e o prognóstico a longo prazo é ruim. Ajudá-lo a obter um melhor ajustamento provavelmente exigirá uma combinação de limites firmes, apoio afetivo e manipulação ambiental.

Ele parece ser uma pessoa que reprime e nega o sofrimento emocional. Embora possa responder prontamente a conselhos e apoio, hesita em aceitar uma explicação psicológica sobre suas dificuldades. Em períodos de prolongado estresse emocional, provavelmente desenvolve sintomas físicos. É particularmente vulnerável a sintomas psicofisiológicos como dores de cabeça, taquicardia e distúrbios gastrintestinais.

Há algumas qualidades incomuns nesse pensamento do paciente que podem representar uma orientação original ou inventiva ou talvez algumas tendências esquizóides. Mais informações seriam exigidas para fazer esta afirmação.

Ele parece ser uma pessoa rígida, que tende a comportamento compulsivo, obsessões e temores. Apesar de preocupado e tenso, tende a ser resistente ao tratamento.

Ele parece ser idealista, socialmente perceptivo, estético e talvez um pouco feminino em seus padrões de interesse. Pode perseguir interesses artísticos e culturais e rejeitar atividades competitivas.

Os resultados de testes feitos por este paciente lembram aqueles de pacientes psiquiátricos não internados que mais tarde exigem cuidados como internados. Cuidado profissional e observações contínuas são sugeridas.

**NOTA:** Embora não substitua o julgamento profissional e a habilidade de um clínico, o MMPI pode ser um recurso útil no diagnóstico e na administração de distúrbios emocionais. O relato é exclusivamente para uso profissional e não deve ser mostrado ou entregue ao paciente.

**FIGURA 12.15** O seguinte relatório MMPI foi gerado por computador. Note que o computador foi programado para prestar atenção às escalas que avaliam fraudes e outras características que poderiam invalidar os achados do teste. Relatórios gerados por certos sistemas do MMPI de atribuição de escores são considerados altamente precisos pelos clínicos (Lachar, 1974). (De Fowler, 1969.)

Os testes objetivos apresentam alguns dos mesmos problemas que limitam outras medidas auto-relatadas. Aqueles que se submetem aos testes podem omitir informações ou dar respostas falsas. Mesmo colaboradores podem não ser bons auto-observadores. Embora inúmeros testes objetivos — elaborados depois do MMPI — contenham

escalas para detectar tentativas de enganar o examinador, isto ainda está muito longe de ser conseguido. (■)

### Traços Existem?

A maioria das pessoas dá como certa a existência de traços; no entanto, alguns psicólogos questio-

**Quadro 12.2****TESTES OBJETIVOS COMPUTADORIZADOS**

Em decorrência da ampla utilização de computadores hoje em dia, as práticas de testes objetivos mudaram muito. Os testes são freqüentemente feitos em terminais de computador. Os computadores classificam as respostas e oferecem páginas de interpretação sobre, digamos, os interesses vocacionais de um cliente ou as características sociais ou a probabilidade de suicídio. Interpretações geradas por computador vêm da comparação do padrão de resposta daquele que se submeteu ao teste com o de um grande grupo. Embora alguns indivíduos que fazem testes queixem-se da impessoalidade dos testes computadorizados, outros acham que a anonimidade conduz à abertura e honestidade. Os psicólogos gostam do sistema porque libera tempo para outras tarefas e parece oferecer informações precisas.

Apesar do amplo apelo dos testes computadorizados, há perigos inerentes ao sistema. Interpretações de testes geradas por computador não devem ser feitas isoladamente. O examinador precisa levar em conta a validade e a precisão do teste em si e resultados de outros testes, formação (nível educacional, idade, cultura) e aspectos pessoais (fadiga, motivação, doença e incapacidades, medicamentos, compreensão de instruções). É importante que o examinador assegure-se de que o cliente estava cooperando ao fazer o teste. Além disso, o examinador precisa entender que conclusões geradas por computador representam probabilidades e podem não se aplicar a uma pessoa específica.

Infelizmente, testes baseados em computador são prontamente avaliáveis e fáceis de usar; o impresso parece científico e completo. Portanto, muitos indivíduos não treinados (funcionários de hospital e médicos, por exemplo) podem estar usando os relatórios gerados por computador, sem entender suas limitações, para tomar decisões importantes (Lambert, 1984; Matarazzo, 1983). A supervisão por especialistas em testes é essencial para o uso responsável de registros de computador.

nam sua legitimidade. Uma vez que os tipos dependem de traços, alguns questionam também esse constructo. Atualmente, o debate está dominando a psicologia da personalidade (Pervin, 1985).

**A Polêmica contra Traços**

A polêmica contra traços apóia-se em descobertas de laboratório e observações informais, indicando que o comportamento é menos consistente de uma situação para outra e com o passar do tempo. Considere primeiro a questão situacional. Alguém absolutamente honesto com um amigo pode colar nas provas e não ser um exemplo de virtude, quando se trata de receber devoluções do imposto de renda. Alguém pode ser bom com crianças, mas impaciente com os pais e autoridades. No laboratório, também, as pessoas freqüentemente se comportam de maneira inconsistente de um ambiente para outro. Disposições gerais por si sós raramente predizem o que um indivíduo fará em uma situação específica. Ao contrário, as ações dependem de inúmeras influências: experiências passadas, expectativas sobre custos e compensações, pressão dos pares e assim por diante. A idéia conhecida por *especificidade comportamental* vai mais adiante. De acordo com esse conceito, o comportamento em qualquer situação depende mais das circunstâncias relevantes e poucas, se é que depende, das disposições gerais.

Críticos do conceito de traço encontram evidências para sua posição em dados de pesquisa que apontam descontinuidades no comportamento humano com o passar do tempo (Brim & Kagan, 1980; Diener & Larsen, 1984; Diener *et al.*, 1985; Pervin & Hogan, 1983). Em relação a auto-estima, senso de controle, desempenho de papel e valores, as pessoas mudam muito. Como Brim e Kagan (1980, p. 18) afirmam: "Cada pessoa é, por natureza, um organismo com propósitos determinados, lutando com um desejo de ser mais do que é no momento. Todos estão tentando se tornar algo que não são, mas esperam ser, desde tomar decisões simples para o próximo ano até submeter-se a operações transsexuais". Alguns psicólogos desconsideram totalmente os traços e os considera nada mais que mitos fabricados pelas pessoas para explicar suas ações (veja a p. 605).

**A Defesa dos Traços**

Aqueles que acreditam no conceito de traço argumentam que os críticos não compreendem as questões fundamentais e falham em sua interpretação das evidências existentes. Primeiro, os defensores do traço mantêm, não há razão pela qual os traços devam, por si próprios, prever o que as pessoas farão em uma determinada situação. Afinal, os traços são apenas um entre os diversos fatores que in-

fluenciam a conduta (Diener *et al.*, 1984; Endler, 1983; Pervin, 1985; Schutte *et al.*, 1985). Evidentemente, os defensores do traço acham que os traços são freqüentemente aspectos muito importantes que contribuem para o comportamento.

Os defensores do conceito de traço têm pouca dificuldade para encontrar dados de pesquisa que apoiem sua posição. Algumas qualidades mudam durante a vida, mas muitas mostram continuidade (Block & Block, 1984; Conley, 1984; Costa e McRae, 1980a, 1984; Eichorn *et al.*, 1981). Por exemplo, quando a equipe de pesquisa de Jack e Jean Block acompanhou uma amostra de homens desde o colegial até os 40 anos, descobriu pessoas estáveis em virtualmente todas as 90 qualidades de personalidade classificadas.

Os simpatizantes do conceito de traço também apontam pesquisas indicando que as pessoas comportam-se consistentemente em vários ambientes. Entretanto, quem e o que está sendo observado e quem está observando precisa ser levado em consideração (Bem, 1983; Burke *et al.*, 1984; Mischel, 1984; Pervin, 1985). Algumas pessoas parecem ser mais consistentes que outras (Snyder, 1983), mas todas as pessoas parecem ter qualidades centrais que se revelam mais confiavelmente que traços periféricos. Por exemplo, se você se considera uma pessoa amigável e acha que isso é uma parte importante da própria identidade, é provável que os observadores considerem seu comportamento previsivelmente amigável em várias situações que oferecem oportunidades para demonstrar isso. Independentemente da centralidade, muito poucos traços mostram pelo menos consistências moderadas de um ambiente para outro: persistência, humor, intensidade, atitude perante coisas novas, agressão-asserção, inteligência, cooperação, introversão-extroversão e apatia, dentre outras (Buss & Plomin, 1984; Deluty, 1985; Diener & Larsen, 1984; Huesmann *et al.*, 1984b; Koretzky *et al.*, 1978; Morris, 1979).

Os simpatizantes do traço argumentam que os experimentos em que não são encontradas consistências comportamentais geralmente têm sérios problemas (Diener & Larsen, 1984; Epstein, 1983; Mischel, 1984; Rushton *et al.*, 1983). Às vezes, os investigadores confiam apenas em medidas de respostas únicas (que mostram pouca consistência), em vez de examinar medidas baseadas em diversas respostas (que mostram mais consistência). Também, muitos pesquisadores conduzem seus estudos

em laboratório, o que, acredita-se, exagera as forças situacionais e limita a amplitude das ações.

A consistência também depende de quem está observando (Peele, 1984; Pervin & Hogan, 1983). Amigos íntimos podem ver consistências que enganam estranhos (incluindo experimentadores). Do ponto de vista de uma pessoa de fora, um menino que se veste desmazeladamente quase todos os dias e impecavelmente para ir à igreja está se comportando de maneira inconsistente. Mas, da perspectiva de quem o conhece, o comportamento de vestir-se pode ser perfeitamente consistente — digamos, com o valor do conforto. Sentir-se bem na igreja pode depender de vestir-se de maneira convencional.

De modo geral, as evidências existentes sugerem que há muita consistência no comportamento das pessoas, o que parece refletir disposições subjacentes. Há poucas razões, então, para duvidar da utilidade do constructo do traço.

**Teorias Disposicionais: Comentários Críticos**

As teorias disposicionais têm diversos aspectos significativos, dignos de nota. Uma vez que se baseiam em pesquisas cuidadosas com medidas objetivas, os *insights* individuais podem ser verificados ou refutados. Além disso, a construção de teste que freqüentemente acompanha as teorias disposicionais tem fornecido benefícios adicionais: instrumentos de avaliação usados para ajudar as pessoas a ganhar autocompreensão e tomar decisões sobre estudos e carreiras.

As abordagens disposicionais também apresentam pontos fracos. Um deles é a própria teoria de traço, que apresenta problemas conceituais (Rorer & Widiger, 1983). Por exemplo, quando se diz que alguém é honesto ou feio, parece que se está dizendo alguma coisa taxativa. Todavia, como as descrições de pessoas, os traços são relativos. O traço da feiúra, por exemplo, pode ser usado para descrever uma concorrente menos atraente em um concurso de beleza, ou alguém que tem uma deformação grotesca. Obviamente, o sentido depende do contexto. O fato de os traços serem atribuídos com base em regras diferentes também é um conceito problemático. Por exemplo, para chamar alguém de "violento", a sociedade exige apenas alguns episódios de violência. Entretanto, a pessoa que é honesta apenas em algumas situações provavelmente não será rotulada de "honesto". Há ainda vários outros pro-

blemas além dos conceituais. As teorias disposicionais com frequência tratam as pessoas como se fossem relativamente imutáveis, ignorando o que se passa sob a aparência: conflito, desenvolvimento e mudança (Pervin, 1985). Outro problema é a ênfase nas contribuições da hereditariedade e a negligência do impacto do ambiente. Cattell, aliás, não é o culpado dessa falha.

## TEORIAS BEHAVIORISTAS

Como os teóricos disposicionais, os behavioristas enfatizam rigorosos métodos científicos. Então, afastam-se dos outros. Enquanto outros teóricos buscam qualidades internas duradouras, os behavioristas são propensos a examinar ações observáveis em situações específicas. Ao procurar explicar uma conduta, ressaltam o ambiente e experiências, principalmente a aprendizagem. Quando se trata de pesquisa, eles preferem experimentos a outros instrumentos e consideram legítimo estudar animais de laboratório para esclarecer processos humanos fundamentais (embora geralmente focalizem pessoas).

### O Behaviorismo Radical de B. F. Skinner

B. F. Skinner (1904-1990) (veja a Figura 12.16), cujo trabalho foi descrito no Capítulo 3, está associado com a teoria de personalidade conhecida por *behaviorismo radical*. Personalidade, na opinião de Skinner, é essencialmente uma ficção. As pessoas vêem o que os outros fazem e inferem características subjacentes (motivos, traços, habilidades). Essas dimensões existem apenas aos olhos do observador. Segundo Skinner (1953, p. 31):

*Quando dizemos que um homem come porque está com fome, fuma muito porque tem o hábito de usar tabaco, luta em virtude de seu instinto de belicosidade, comporta-se brilhantemente por causa de sua inteligência ou toca bem piano porque tem seu talento musical, parecemos estar nos referindo a causas. Mas a análise prova que estas frases são descrições meramente redundantes: "Ele come" e "Ele está com fome" [...]. Um único conjunto de fatos é descrito pelas duas afirmações: "Ele toca bem" e "Ele tem talento musical". A prática de explicar uma afirmação com base em outra é perigosa porque sugere que encontramos a causa e, portanto, não precisamos mais procurá-la. Além disso, termos como "fome", "hábito" e "inteligência" convertem o que são essencialmente as propriedades de um processo ou relação naquilo que parecem ser coisas. Assim, não estamos preparados para as propriedades a serem finalmente descobertas no comportamento em si e continuamos a procurar algo que pode não existir.*



**FIGURA 12.16** Mesmo depois de se aposentar em 1974, B. F. Skinner permaneceu ativo profissionalmente. Em sua autobiografia de três volumes (*Particulars of my life*, 1976; *The shaping of a behaviorist*, 1979; *A matter of consequences*, 1983), Skinner — fiel a suas crenças — caracteriza seu desenvolvimento em termos das variações ambientais que modelaram sua conduta, e não em termos de mudanças internas. (Harvard University News Office.)

As pessoas que querem entender a personalidade, Skinner afirmava, deveriam procurar especificar o que os organismos fazem e quais eventos influem naquelas ações. Embora ele aceitasse a idéia de que o comportamento é um produto de forças genéticas e ambientais, Skinner enfatizava explicações de condicionamento: reforçamento, extinção, contracondicionamento, discriminação, generalização e outros (veja o Capítulo 3). Como os psicólogos podem descobrir o que influencia o comportamento? Skinner acreditava que experimentos rigorosamente controlados são a única forma de identificar o que contribui para uma dada resposta.

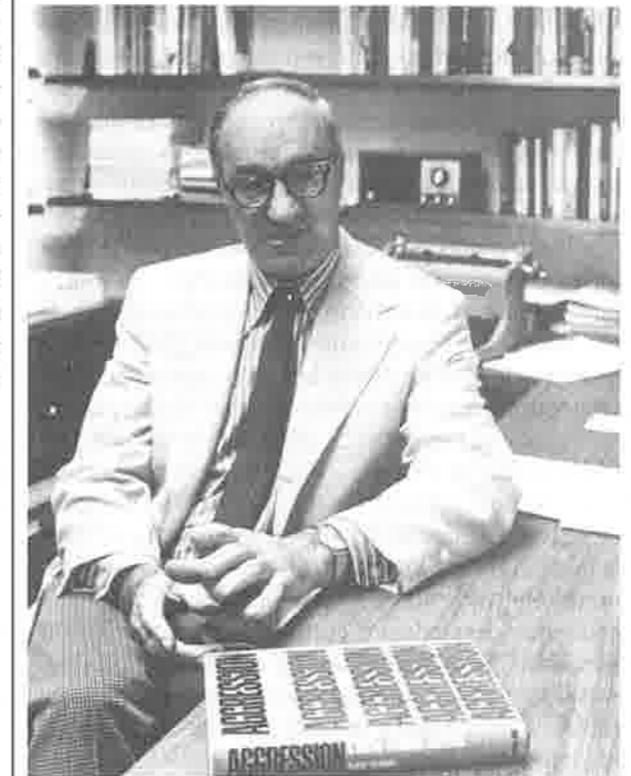
O conceito conhecido por *especificidade comportamental* emerge do pensamento de Skinner. Lembrem-se (veja a p. 601-602) das idéias-chave: o que as pessoas fazem em qualquer situação depende de uma série de influências que variam de acordo com

a situação. Daí, não se pode esperar que as pessoas comportem-se consistentemente. Considere o caso de uma jovem mulher que parece ser independente e agressiva em algumas ocasiões e carinhosa, passiva e dependente em outras. Os teóricos da psicodinâmica e de traços provavelmente enfatizariam um conjunto de disposições: ela é basicamente agressiva com uma aparência passiva ou ela é essencialmente feminina com defesas hostis. Os behavioristas, como Skinner, alegam que o comportamento da mulher em qualquer momento depende de sua história de aprendizagem e das condições vigentes. Se o ato de atacar o marido quando ele a importuna com questões sobre dinheiro fizer com que ele silencie, a mulher será capaz de usar a agressão nessa situação e em outras similares. Se uma irmã cozinha sempre que a outra irmã (que detesta cozinhar) parece não saber o que fazer na cozinha, a passividade deve prevalecer nessa e em circunstâncias similares. Em suma, o comportamento é específico a um conjunto particular de situações, ou *situações específicas*.

### A Abordagem da Aprendizagem Cognitivo-social de Albert Bandura

A teoria da *aprendizagem cognitivo-social* do psicólogo Albert Bandura (1925-) (veja a Figura 12.17) lembra a teoria de Skinner de diversas maneiras. Como Skinner, Bandura (1977, 1982, 1983) acredita que o comportamento é frequentemente específico a uma situação e é modelado acentuadamente pelos princípios da aprendizagem. Os dois homens vêem métodos científicos como importantes para determinar o que as pessoas fazem e em quais circunstâncias. Mas, enquanto Skinner via os seres humanos como criaturas comparativamente simples à mercê das pressões ambientais, Bandura as vê como complexas, únicas, ativas e conscientes. Bandura enfatiza o pensamento e a auto-regulação. As pessoas estão resolvendo problemas continuamente, capitalizando sua enorme amplitude de experiências e capacidades refinadas para processar informações. Dada essa orientação, você esperaria que Bandura se apoiasse mais que Skinner em estudos humanos e menos naqueles organismos mais simples. A ênfase de Bandura no contexto social também é um aspecto que o distingue.

Você pode se lembrar do Capítulo 3 que Bandura está associado ao trabalho de *aprendizagem por observação*. Em inúmeros experimentos, ele mostrou



**FIGURA 12.17** A visão de Albert Bandura da humanidade lembra a humanista. Ele enfatiza a capacidade de simbolizar das pessoas e vê sua conduta como dirigida para objetivos. Em vez de um motivo principal, entretanto, ele postula uma multiplicidade de objetivos que tendem a ser ordenados e estáveis. Uma vez que as pessoas podem regular-se, têm certo grau de liberdade e permanecem capazes de mudança durante a vida toda. (Stanford University News & Publications Service.)

que as pessoas podem aprender novos comportamentos simplesmente observando os outros (na vida, na imaginação, em filmes). A aprendizagem não requer uma resposta ou a obtenção de alguma compensação ou de ver um modelo sendo recompensado. As observações de modelos, Bandura enfatiza, são voltadas para imagens e idéias que podem ser lembradas e usadas para orientar o comportamento, ou podem ser combinadas e modificadas a uma moda nova ou a padrões inovadores. De acordo com Bandura, o reforçamento e a punição influenciam o que as pessoas fazem, e não o que elas aprendem.

Outro aspecto distinto do sistema de Bandura é sua ênfase em padrões internos. As idéias pessoais sobre o que é importante e o que é bom orientam as avaliações que as pessoas fazem de si e o que aprovam e criticam em si mesmas. Monitorando-se continuamente, as pessoas fazem ações corretivas quando não conseguem alcançar seus padrões internos. Em resumo, os seres humanos são auto-reguladores e não dependem de seu ambiente e de outras pessoas. De acordo com Bandura, os indivíduos adquirem seus padrões comportamentais de familiares, pares, professores e outros. Padrões que geram resultados positivos (sucesso, aprovação) são fortalecidos e aqueles insatisfatórios são enfraquecidos.

Bandura (1969, 1982, 1985) tem sido ativo especialmente em articular a maneira pela qual as técnicas de aprendizagem para modificar o comportamento desajustado devem ser usadas. A *auto-eficácia* (acreditar na capacidade de uma pessoa para enfrentar efetivamente, dominar situações e conseguir resultados desejados) é considerada central para o bem-estar psicológico. Sua ausência, acredita-se, está no cerne dos problemas psicológicos. A auto-eficácia é aquilo que a terapia deve buscar, segundo Bandura. Uma forma de fazer isso é conseguir que clientes tenham sucesso em situações reais, modelando novas percepções de controle.

### Mensuração da Personalidade: Partindo da Perspectiva Behaviorista

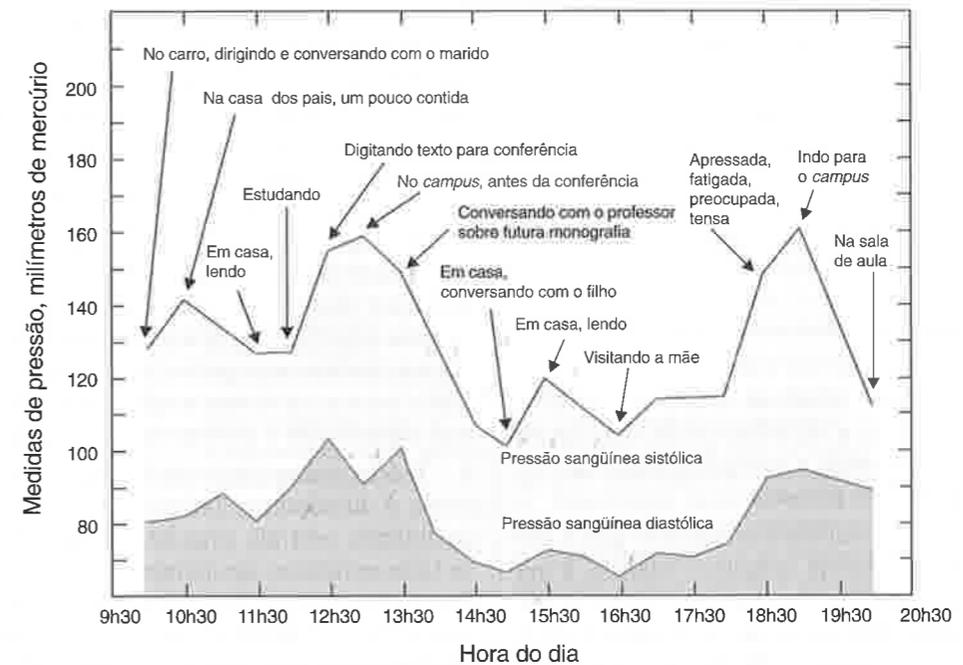
Os pesquisadores behavioristas em geral preferem estudar a personalidade sob condições cuidadosamente controladas. Tipicamente, conduzem experimentos ou fazem outros tipos de observação em grande número de indivíduos — com frequência em um laboratório, mas às vezes em ambientes naturais. Vamos tomar um exemplo para ilustrar o que se aprende da personalidade com esses estudos. Para esta investigação em particular, os pesquisadores behavioristas (Gormly & Edelberg, 1974) examinaram se as pessoas são consistentemente assertivas em uma variedade de situações. Pediram a indivíduos do sexo masculino que entrassem, em pares, em uma sala, enquanto juízes classificavam como eles se conduziam assertivamente. Os juízes também classificaram a assertividade de cada homem uma segunda vez, depois de uma conversa de dez minutos sobre um tópico controverso, e uma terceira vez, depois de um jogo competitivo. A assertividade foi razoavelmente consistente nessas situações variadas.

As observações também podem fornecer informações sobre a personalidade individual. Em um estudo sobre ansiedade, os psicólogos fizeram uma mulher com pressão alta usar um aparelho portátil de medir pressão enquanto executava tarefas diárias (Werdegard *et al.*, 1967). Periodicamente, ela media a própria pressão sanguínea e anotava sua atividade. Como se pode ver no gráfico na Figura 12.18, essas medidas ajudaram a identificar situações que eram particularmente desgastantes para ela.

Os testes de personalidade às vezes baseiam-se em observações comportamentais. Durante a Segunda Guerra Mundial, por exemplo, *testes situacionais* foram desenvolvidos a fim de selecionar pessoas para missões altamente perigosas e para trabalhar atrás das linhas inimigas. Em um teste como este, desenvolvido pelo Office of Strategic Service Assessment (1948), os candidatos recebiam a tarefa de construir uma estrutura de madeira com "auxílio" de dois assistentes. Os assistentes, da equipe de avaliadores, faziam perguntas embaraçosas e ignoravam as instruções. De modo geral, comportavam-se de maneira grosseira, inadequada e desagradável. Esse teste situacional permitiu aos observadores classificar e analisar as respostas dos candidatos sob estresse e frustração. O Peace Corps usou testes similares (Dicken, 1969).

### Teorias Behavioristas: Comentários Críticos

Na década de 1980, a estratégia de observação do experimento da abordagem behaviorista foi a forma dominante de estudar a personalidade. O pesquisador típico vem tentando descobrir se grupos de pessoas com disposições específicas de personalidade (como senso de controle) comportam-se diferentemente em situações específicas (lidam melhor com câncer de mama ou utilizam melhor apoios sociais, digamos) (Blass, 1984; Endler, 1983; Mischel, 1984; Pervin & Lewis, 1978). Embora os psicólogos continuem a admirar pesquisas precisas, cuidadosas, um número cada vez maior de críticos preocupa-se com o mérito dessa estratégia (Block, 1981; R. Carlson, 1984; Epstein, 1979; Lamiell, 1981; Rorer & Widiger, 1983; Tomkins, 1980). Uma preocupação básica é que a precisão tornou-se um fim em si mesma. Com muita frequência, os investigadores reduzem a personalidade ao que se presta à manipulação imediata. Com muita frequência usam medidas convenientes, não confiáveis e sem validade. Examinam



**FIGURA 12.18** Medidas precisas de respostas fisiológicas podem elucidar a personalidade. Por exemplo, uma mulher com hipertensão mediu a própria pressão sanguínea e anotou suas atividades periodicamente à medida que fazia suas tarefas de rotina. Combinar os dados, como mostrado no gráfico, ajudou a identificar o que a estava perturbando. (De Werdegard *et al.*, 1967.)

meramente o comportamento de um estudante durante 50 minutos no laboratório e deixam de examinar material biográfico ou estudar as pessoas em ambientes naturais, ao longo do tempo. Além de difíceis de reproduzir, os resultados de tais estudos são fragmentados e difíceis de integrar.

Há outros problemas fundamentais com a abordagem behaviorista. Dados comparando a conduta de indivíduos em situações específicas não esclarecem a estrutura de personalidade de um indivíduo, nem questões pessoais profundas. Além disso, dados de grupo frequentemente ignoram diferenças individuais. É comum experimentos reunirem todos os participantes e chegarem a conclusões sobre tendências gerais, com base em médias. No entanto, a explicação das diferenças é uma tarefa importante da pesquisa sobre personalidade.

Os investigadores da personalidade continuarão a usar a abordagem de observação de experimento em pesquisas? Alguns psicólogos acreditam que esses pesquisadores precisam mudar seu modo de operar e realizar estudos intensivos de indivíduos em amplitude e profundidade ao longo do tempo (Epstein, 1979, 1983; Lamiell *et al.*, 1983; Pervin,

1985). Outros, convencidos de que a estratégia de observação de experimento é produtiva, concentram-se em esforços de aprimoramento. Eles alegam que as pesquisas de personalidade simplesmente precisam ser monitoradas com cuidado para corrigir abusos.

Há justificativa para ambas as táticas. Em seu aspecto mais útil, a estratégia de observação de experimento revela como as pessoas com certas características comportam-se em determinadas situações. Ao mesmo tempo, estudos intensivos de indivíduos são necessários para esclarecer a estrutura e as diferenças de personalidade.

### UMA ÚNICA TEORIA ABRANGENTE DA PERSONALIDADE?

É fácil imaginar o esboço vago de uma teoria da personalidade integrada, combinando os pontos fortes de várias posições descritas neste capítulo. Abrangeria não apenas todos os aspectos da personalidade — experiências inconscientes e subjetivas, bem como comportamento —, mas também disposições duradouras e transitórias. Consideraria in-

fluências ambientais e genéticas. E utilizaria vários métodos: observações e experimentos com grupos, assim como estudos intensivos de indivíduos em situações específicas e ao longo do tempo. No presente, embora existam teorias abrangentes, nenhuma é aceita pela maioria dos psicólogos da personalidade. Muitos deles acreditam que é cedo demais para uma única teoria abrangente da personalidade.

## RESUMO

1 "Personalidade" refere-se a padrões relativamente consistentes e duradouros de percepção, pensamento, sentimento e comportamento que dão identidade distinta às pessoas.

2 Os teóricos psicodinâmicos supõem que a personalidade desenvolve-se durante a infância, à medida que conflitos entre forças internas são resolvidos. Seus dados originam-se em grande parte de observações informais, entrevistas, estudos de caso e testes projetivos. Sigmund Freud foi o teórico psicodinâmico mais influente. Entre suas crenças básicas destacam-se: a maioria dos pensamentos, sentimentos e desejos de uma pessoa é inconsciente, três componentes da personalidade — id, ego e superego — competem continuamente pela energia gerada pelos instintos de vida e de morte, a sexualidade é uma pulsão dominante, a personalidade é amplamente formada por volta dos 5 anos, depois das fases oral, anal e fálica; uma quarta fase psicosexual formativa, a fase genital, ocorre durante a adolescência e idade adulta.

3 Teóricos psicodinâmicos posteriores enfatizaram as influências sociais na personalidade e diminuíram a significância das influências sexuais. Jung propôs que as pessoas têm um inconsciente coletivo. Adler focalizou sentimentos de inferioridade. Horney associou distúrbios neuróticos à ansiedade básica, cuja raiz são as frustrações iniciais referentes às demandas paternas. Sullivan, também, focalizou a família, especialmente suas expectativas durante a segunda década de vida. Hartmann e os psicólogos do ego dirigiram sua atenção ao consciente e às funções adaptativas do ego. Erikson ressaltou as implicações sociais e psicológicas da teoria de desenvolvimento de Freud e ampliou seu escopo para abranger a vida adulta.

4 Teóricos fenomenológicos concentram-se no entendimento do *self* total. A auto-realização é con-

siderada o principal motivo humano. As informações são extraídas principalmente de entrevistas e da técnica Q. Carl Rogers, psicólogo humanista proeminente e teórico fenomenológico, acreditava que, quando crianças, as pessoas frequentemente distorcem ou negam aspectos da própria personalidade para agradar aos pais. Como resultado, muitas desenvolvem autoconceitos incompletos, irrealistas. Constroem defesas rígidas para isolar eventos que ameaçam sua imagem. Incapazes de entender a si mesmas e fechadas a muitas experiências, não conseguem realizar seus potenciais. Quando esses indivíduos sentem-se aceitos e valorizados, abrem-se para suas experiências e movem-se para a auto-realização.

5 Teóricos disposicionais focalizam atributos estáveis e duradouros. Teóricos de traços enfatizam qualidades centrais singulares, enquanto teóricos de tipos enfatizam agrupamentos de traços associados. Muitas teorias disposicionais são baseadas em pesquisas de laboratório que se utilizam de testes ou classificações objetivas. Raymond Cattell, teórico de traços, usou a análise fatorial para identificar 16 traços originais e desenvolver testes de personalidade. Sua pesquisa, que examina interações entre traços, tem tido sucesso em explicar e prever uma gama de comportamentos. William Sheldon, teórico de tipos, mostrou que as pessoas podem ser descritas em termos de tipos corporais e de personalidade, os quais estão associados.

6 Teóricos behavioristas supõem que métodos científicos rigorosos são essenciais ao entendimento das razões pelas quais as pessoas comportam-se de uma determinada forma ou de outra. Eles enfocam o comportamento observável e seus determinantes ambientais, especialmente o condicionamento. Segundo B. F. Skinner, behaviorista radical, a conduta varia de uma situação para outra. Em vez de estudar traços, os quais ele considerava míticos, os psicólogos, ele acreditava, deveriam explorar os antecedentes ambientais e as conseqüências da conduta. A teoria da aprendizagem social cognitiva de Albert Bandura propõe que as pessoas são seres complexos e ativos que aprendem muito por meio da observação em contextos sociais. Elas estão continuamente regulando o próprio comportamento. Os sentimentos de auto-eficácia são centrais para a saúde mental.

7 Atualmente, não há uma teoria abrangente da personalidade aceita por todos os psicólogos.

## GUIA DE ESTUDO

### Termos-chave

personalidade (505)	traço (524)
psicanálise (505)	tipo (525)
instintos de vida (506)	traços originais e superficiais (524)
libido (506)	mesomorfia (526)
instintos de morte ( <i>thanatos</i> ) (506)	ectomorfia (526)
id (507)	endomorfia (526)
ego (507)	viscerotonia (527)
superego (507)	somatotonia (527)
fase psicosexual (508)	cerebrotonia (527)
fase psicossocial (508)	especificidade comportamental (532)
entrevista (515)	teste situacional (534)
estudo de caso (516)	e outras palavras e expressões em itálico
teste projetivo (517)	
autoconceito (522)	
teste objetivo (523)	
disposição (524)	

### Conceitos Básicos

vantagens e desvantagens de instrumentos de avaliação da personalidade (entrevistas, testes projetivos, testes objetivos, estratégia de observação de experimento, testes situacionais) teoria baseada em clínica *versus* laboratório armadilhas dos testes de computador controversias (existência de traços, estratégias apropriadas para a pesquisa sobre a personalidade)

### Teorias a Identificar

Você deveria ser capaz de identificar as características distintivas das seguintes teorias: psicodinâmica, psicanalítica, neofreudiana (Horney, Sullivan, Erikson), do inconsciente coletivo (Jung), da psicologia individual (Adler), da ansiedade básica (Horney), da psicologia do ego (Hartmann), do desenvolvimento psicossocial (Erikson), fenomenológica, do *self* (Rogers), disposicional (traço, tipo), de traços de Cattell, de tipos de Sheldon, behaviorista, behaviorista radical (Skinner), da aprendizagem cognitivo-social (Bandura).

### Testes a Identificar

Você deve ser capaz de descrever e avaliar os pontos fortes e fracos dos seguintes testes: teste de Rorschach, teste de completamento de sentenças, teste de desenho de figuras, Teste de Apercepção Temática (TAT), Técnica Q (Stephenson), Inventário Multifásico de Personalidade de Minnesota (MMPI) (Hathaway, McKinley).

### Pessoas a Identificar

Freud, Jung, Adler, Horney, Sullivan, Hartmann, Erikson, Rogers, Cattell, Hipócrates, Eysenck, Sheldon, Skinner, Bandura.

### Avaliação

- Qual das alternativas está associada ao id?
  - Princípio do prazer
  - Habilidades de resolver problemas práticos
  - Princípio da realidade
  - Processo de pensamento secundário

- Qual é a característica do inconsciente coletivo?
  - Surge da ansiedade básica
  - É dominado pela sexualidade
  - É herdado
  - É similar ao superego

- Que teórico tratou do poder de motivação dos sentimentos de inferioridade?
  - Adler
  - Horney
  - Jung
  - Sullivan

- Quando as pessoas desenvolvem um senso de confiança ou desconfiança, de acordo com Erikson?
  - Durante o primeiro ano
  - Entre 3 e 5 anos
  - Entre 6 e 11 anos
  - Durante a adolescência

- Três dos testes a seguir são projetivos. Qual deles não é projetivo?
  - Completamento de sentenças
  - Desenho de uma casa, uma árvore e uma pessoa
  - Livre associação ao Rorschach
  - Classificação de si mesmo, escolhendo cartões que contêm afirmações sobre a personalidade

- Quem especulou que as crianças pequenas requerem consideração positiva, carinho e aceitação de pessoas significativas e que negarão aspectos da personalidade e distorcerão o autoconceito para atender a essa necessidade?
  - Cattell
  - Jung
  - Rogers
  - Sheldon

- Qual tipo de teoria sempre enfatiza o quadro de referência subjetivo de cada pessoa?
  - Behaviorista
  - Disposicional
  - Fenomenológica
  - Psicanalítica

- Que palavra ou frase caracteriza traços originais com precisão?
  - Comportamento em um ambiente específico
  - Influenciado por genes
  - Superficial
  - Temperamento

- Qual é a característica mais essencial de um teste objetivo?
  - Formula questões sobre o comportamento aberto.
  - O escore geral é consistente de uma aplicação para outra quando o mesmo teste é reaplicado depois de várias semanas.
  - É avaliado de forma semelhante por diferentes examinadores.
  - Mede o que é suposto medir.

- A que o conceito de "especificidade comportamental" se refere?
  - O comportamento em qualquer situação depende da aprendizagem anterior e das pressões atuais em ambientes similares.
  - O comportamento é consistente de uma situação para outra.
  - Certos tipos de conduta são consistentes.
  - Disposições levam a comportamento consistente.

### Exercícios

1. **Teorias de estágios de Freud e Erikson.** As teorias de Freud e Erikson dividem o desenvolvimento da personalidade nas fases relacionadas na Tabela 12.1. Depois de estudar esse material, cubra as colunas 2 e 3 da tabela para ver se você consegue identificar a correspondência entre as fases

freudianas e eriksonianas. Tente fazer isso na ordem e alternadamente. Tente também caracterizar cada fase completamente. (Veja as pp. 507-510 e 513-516.)

**2. Comparação de cinco teorias da personalidade.** Para testar seu conhecimento das características das teorias da personalidade, associe cada descrição com a teoria mais apropriada. (Veja as pp. 504-536.)

**Teorias:** behaviorista (B), fenomenológica (F), psicodinâmica (PS), de traço (TR) e de tipo (T).

\_\_\_ 1 Supõe que a personalidade desenvolve-se à medida que as pessoas resolvem conflitos psicológicos profundos.

\_\_\_ 2 Focaliza o que as pessoas fazem em determinadas situações.

\_\_\_ 3 Vê as pessoas basicamente como seres perceptivos e "experenciadores".

\_\_\_ 4 Concentra-se no grau ao qual os indivíduos mostram características singulares de personalidade.

\_\_\_ 5 Enfatiza a importância de métodos experimentais controlados.

\_\_\_ 6 Enfatiza agrupamentos de traços.

\_\_\_ 7 Supõe que o comportamento seja específico a situações.

\_\_\_ 8 Usa entrevistas, observações clínicas e testes projetivos, mas não valoriza auto-relatos simples.

\_\_\_ 9 Supõe que as personalidades encaixam-se em categorias como "introvertido" e "extrovertido".

\_\_\_ 10 Considera a auto-realização o principal motivo humano.

### Usando a Psicologia

1 Imagine que você é um psicólogo e lhe pedem para avaliar a personalidade dos candidatos a diretor do FBI. Que tipo(s) de instrumento de avaliação você usaria? Por quê? Quais os principais pontos fortes e fracos de entrevistas? Observações controladas e experimentos? Testes situacionais? Testes objetivos? Testes projetivos?

2 Você tem ciência das facetas da própria personalidade, que Freud poderia ter chamado id, ego e superego? Tem ciência dos conflitos entre essas facções? Dê exemplos.

3 Quais idéias freudianas poderiam ser testadas fazendo-se observações diretas? Quais não poderiam ser verificadas dessa forma? Sugira outros meios de avaliá-las.

4 Suponha que as idéias de Erikson estejam corretas. Quais experiências pais e professores deveriam fornecer durante as várias fases da infância para aumentar a probabilidade de as crianças resolverem seus conflitos positivamente?

5 Relacione traços específicos que você vê em si mesmo. Para cada um, cite comportamentos recentes que sugere que a conduta influenciada por esse traço é consistente uma situação para outra. Pense em traços que sejam consistentes segundo a perspectiva de alguém que conhece intimamente, mas não o sejam segundo a perspectiva de uma pessoa mais distante.

6 Como você usaria a estratégia de pesquisa de Cattell para prever quais meninos, de uma amostra de 1.000, com 7 a 10 anos de idade, de uma escola pública, tendem a se tornar delinquentes juvenis?

7 Dê exemplos pessoais de comportamentos específicos em situações. Você concorda com o ponto behaviorista de que conduta freqüentemente é específica a uma situação?

### Leituras Sugeridas

1 Para livros sobre testes, leia Cronbach (1984) e Anastasi (1982) na seção "Leituras Sugeridas" do Capítulo 7.

2 Pervin, L. A. (1984). *Current controversies and issues in personality*. 2ª ed. Nova York: Wiley. Tratamento imparcial de controvérsias, incluindo os debates sobre traços, questão natureza-educação, diferenças sexuais, utilidade do autocorrelato e ética da pesquisa sobre personalidade.

3 Feist, J. (1985). *Theories of personality*. Nova York: Holt, Rinehart & Winston. Introdução clara às teorias da personalidade, focalizando como essas idéias aplicam-se a situações comuns.

4 Babladelis, G. (1984). *The study of personality: Issues and resolutions*. Nova York: Holt, Rinehart & Winston. Um texto usualmente coeso, integrador, que discute pesquisas sobre personalidade, concentrando-se nas questões de determinantes, estabilidade-mudança, saúde e mensuração; vívido e lúcido.

5 Nye, R. D. (1981). *Three psychologies: Perspectives from Freud, Skinner, and Rogers*. 2ª ed. Monterey, CA: Brooks/Cole. Um livro breve, envolvente, abrangendo biografias, termos básicos, e as principais teorias, aplicações e avaliações.

### Respostas

#### FICÇÃO? OU FATO?

1. F 2. V 3. V 4. F 5. V 6. F 7. F

#### AVALIAÇÃO

1. a (507) 2. c (509-510) 3. a (511) 4. a (513)  
5. d (516-517) 6. c (522) 7. c (522) 8. b (524)  
9. c (526-527) 10. a (532)

#### EXERCÍCIO 2

1. PS 2. B 3. F 4. TR 5. B 6. T 7. B 8. PS 9. T 10. F